

CARMEM REGINA PECHT

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO INGRESSO E PERMANÊNCIA DE
JOVENS E CRIANÇAS NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE
MORADORES DA VILA LAFAYETTE ÁLVARO -
CAMPINAS/SP**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAMPINAS - SP

1998

CARMEM REGINA PECHT

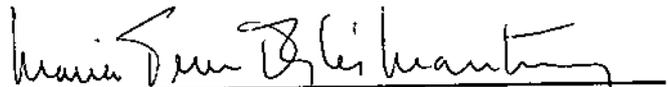
**O PAPEL DA FAMÍLIA NO INGRESSO E PERMANÊNCIA DE
JOVENS E CRIANÇAS NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE
MORADORES DA VILA LAFAYETTE ÁLVARO -
CAMPINAS/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para o
curso de Pedagogia com habilitação em
Formação de Professores para Educação
Especial de Deficientes Mentais da Facul-
dade de Educação, UNICAMP, sob a ori-
entação da professora Dra. Maria Teresa
Eglér Mantoan.

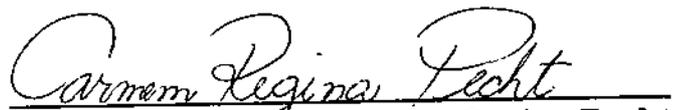
CAMPINAS - SP

1998

Data de aprovação: 15/07/98


Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Eglér Mantovan
FE/UNICAMP
(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Samira Kauchakje
FCM/UNICAMP
(2^a leitora)


Carmem Regina Pecht

Agradecimentos:

Especialmente a Deus que iluminou o meu caminho,
dando-me força em todos os momentos;

Às minhas irmãs Elaine e Malde e aos
meus irmãos Andréas e Júnior e a toda minha família;

Ao Vandré pelo apoio, pelas palavras amigas e pela
ajuda, pois sem ela esse trabalho não teria uma apresentação
gráfica tão boa!

À minha orientadora, prof.a. Eglér, por guiar-me e servir
de exemplo, sempre;

A todos os professores da Faculdade de Educação,
que de uma forma ou de outra, contribuíram para
a minha formação profissional e crescimento pessoal;

À oportunidade de participar do Projeto Universidade
Solidária, pois com o trabalho desenvolvido, pude realmente descobrir o meu amor
pela Educação;

A todos os amigos e amigas que fiz durante
o curso e que vou guardar no coração, durante toda
minha vida.

Aos “velhos” amigos e amigas, que apesar dos
desencontros e da distância, permaneceram torcendo
por mim.

“Ninguém escapa à educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela, para aprender, para ensinar, para aprender - ensinar.

Para saber, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação.”

C. R. Brandão (p.7)

INTRODUÇÃO

Sobre o curso de Pedagogia

No ano de 1994, quando ingressei no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Unicamp, estava muito deslocada e ansiosa, pois havia passado num vestibular sem saber ao certo o que eu queria realmente fazer na vida. No decorrer do curso conheci muita "gente boa", professores, colegas da faculdade e amigos que mudaram minhas idéias, ampliaram os meus horizontes e me ajudaram a crescer como pessoa e como futura profissional na área de Educação. Mas não foi sempre tudo tão bom assim.

No início do curso, eu e diversas colegas, achávamos muito cansativo e enfadonho realizar os estágios supervisionados, porque para mim era patente a diferença que havia entre o discurso teórico - aquilo que nós ouvíamos na Faculdade de Educação e a prática - aquilo que presenciávamos nas escolas públicas. Durante dois anos e meio permaneci insatisfeita no curso de Pedagogia, questionando-me o tempo todo se era essa profissão, esse futuro de incertezas que eu queria para mim, pois não via meios, enquanto futura professora, de participar de um esforço transformador da realidade do ensino no Brasil. Na verdade, eu estava preocupada com o momento de sair para o campo de trabalho, pois me achava despreparada e sentia muito medo de ir para uma dessas escolas velhas e sujas, sem o mínimo de infra-estrutura física, material e humana adequadas, de trabalhar com colegas com a mentalidade tradicional de ensino, sem material pedagógico para me auxiliar, enfim, assustava-me pensar em trabalhar em qualquer uma das escolas onde fiz estágio. O engraçado era que ao mesmo tempo, eu não queria pensar na hipótese de ir para um dessas escolas particulares renomadas, que pagam bons salários, "sem" maiores problemas, porque na verdade, eu queria atuar ao lado daqueles que realmente precisavam. Eu queria desafios.

Por estar vivendo este dilema e não ter muitas expectativas em relação à carreira de pedagoga, no momento de optar por uma habilitação, decidi-me pela área de administração escolar, que parecia me oferecer mais opções de trabalho a meu gosto e do meu interesse. Porém, quando fiquei sabendo que não seria oferecida a habilitação de Formação de Professores para Educação Especial de

Deficientes Mentais aos alunos interessados, devido ao número insuficiente de pessoas inscritas (eram seis optando pela habilitação e era necessário no mínimo oito), uma colega e eu, nos decidimos por essa habilitação. Ocasionalmente tomei uma das melhores decisões da minha vida acadêmica, pois foi a partir dessa habilitação que descobri o gosto pela Educação. As disciplinas da habilitação escolhida, abriram-me novas perspectivas, despertaram meus ânimos e mudaram minhas concepções educacionais. Por essas mudanças, encontrei o caminho que queria abrir para mim profissionalmente.

Posso afirmar, com certeza, que hoje já não tenho mais medo de enfrentar uma escola, seja ela como for, porque descobri que aonde quer que eu esteja, eu posso e vou me diferenciar pelo trabalho que pretendo desenvolver, e isso é um grande desafio.

Felizmente, adquiri maturidade suficiente para perceber que eu posso iniciar mudanças educacionais tão necessárias, dentro da minha própria sala de aula. Quem sabe estou sendo ingênua, mas ainda tenho o sonho de achar que um dia vamos conseguir reverter a situação do ensino brasileiro. Se cada profissional da área de ensino tiver esse sonho como meta, será mais provável que o ensino público se aprimore, e possamos oferecer uma escola de qualidade para as crianças brasileiras.

O Projeto na Vila Lafayette Álvaro

No primeiro semestre de 1997, as alunas da Habilitação Formação de Professores para a Educação Especial de Deficientes Mentais foram convidadas por intermédio da professora Maria Teresa Eglér Mantoan¹, da Faculdade de Educação da Unicamp, a participar de um projeto educacional da Fundação das Entidades Assistenciais de Campinas - FEAC, na Vila Lafayette Álvaro, localizada na cidade de Campinas-SP.

Um primeiro encontro com as representantes da FEAC, as assistentes sociais Maria Aparecida de Souza Pinto e Carmem Silvia Dias, foi marcado para que ficássemos a par do que seria o projeto, quais eram os seus objetivos, as intenções e as razões de se propor algum tipo de trabalho na área de Educação nessa Vila.

Várias reuniões e dinâmicas utilizando técnicas sociodramáticas foram realizadas juntamente com as assistentes sociais da FEAC, para que tomássemos contato com dados referentes ao processo de constituição da comunidade referida, uma vez que esta era formada por moradores de diversas favelas da cidade de Campinas, que por meio da intervenção da Prefeitura de Campinas e da FEAC, tornou-se uma Vila.

A Vila Lafayette Álvaro tem sido alvo de investimentos e projetos sociais de algumas instituições (FEAC e a Associação Beneficente Assistencial Madre Cândida-ABAMAC, por exemplo), havendo atualmente uma preocupação destas, em conscientizar os moradores quanto aos seus direitos e deveres de cidadãos. Dentre as ações planejadas nesse sentido, constatou-se a necessidade de se desenvolver um projeto pedagógico que viesse averiguar quais as crianças da Vila que estão fora da escola, ou quais são as crianças que apresentam algum problema de aprendizagem ou de comportamento, e a razão pela qual estes problemas estão ocorrendo nessa comunidade. É exatamente aqui, que entra a minha participação, enquanto aluna da Habilitação Formação de Professores para a Educação Especial de Deficientes Mentais.

Com a intenção de atuar sobre as necessidades acima levantadas, resolvemos, as demais alunas e eu, elaborar projetos que estivessem relacionados com toda a comunidade. Optamos por trabalhar com as famílias, escolas, Núcleo Educacional e creche da Vila. Sendo assim, o trabalho com as famílias da Vila, do qual eu fiz parte, centralizou suas ações, e traçou seus objetivos a partir de levantamentos de dados realizados com os próprios moradores da Vila. O grupo que trabalhou com as escolas fez o mesmo, ocupando-se das escolas frequentadas pelos alunos dessa comunidade e seus respectivos professores. Duas de nossas colegas optaram por atuar na creche, trabalhando com as monitoras, procurando fornecer-lhes informações sobre o desenvolvimento infantil. No Núcleo Educacional uma das estagiárias dedicou-se a questões relacionadas ao comportamento social das crianças que frequentam esse espaço educacional.

Todas as alunas integrantes dos grupos que fizeram parte desse projeto e eu fomos preparadas para ir a campo, a fim de buscar dados que nos ajudassem a

¹ A professora ministra as disciplinas EP 654, 656, 657 e 659 - Prática de Ensino e Estágio

conhecer melhor o problema e a desenhar cada uma de nós um ante-projeto de pesquisa-ação, visando, na medida do possível, reverter os problemas educacionais da Vila. Desde o momento em que nós alunas iniciamos nossa atuação, em agosto de 1997, até hoje, início de junho de 1998, enfrentamos inúmeras dificuldades, porém muitos progressos foram alcançados.

O trabalho realizado na Vila Lafayette Álvaro proporcionou-nos um contato direto com a situação de prática não-formal de ensino com crianças carentes e, além disso, possibilitou-nos um relacionamento com as famílias, dando-nos a oportunidade de vivenciar a riqueza de se atuar em uma comunidade, cujas necessidades e dificuldades, mostravam uma realidade que até então desconhecíamos.

Um breve histórico sobre a Vila Lafayette Álvaro

Em 1989, a Prefeitura Municipal de Campinas juntamente com a FEAC, iniciou os estudos para implantação do núcleo residencial denominado Vila Lafayette Álvaro. Na ocasião era prefeito de Campinas, Jacó Bittar.

Na gestão seguinte, o prefeito José Roberto Magalhães Teixeira deu continuidade aos estudos e iniciou o processo de construção das moradias.

O programa desenvolvido tinha como objetivo criar alternativas para moradores residentes em favelas constituídas principalmente por migrantes oriundos do Paraná, Bahia, Minas Gerais e outras regiões do Estado de São Paulo, procedentes em sua maioria do meio rural, que se deslocaram para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Tais favelas estavam localizadas em áreas de risco ou de terceiros. Sendo assim, o trabalho da equipe social da Prefeitura de Campinas foi realizar estudos, administrando, agilizando e encaminhando as solicitações vindas dos interesses e necessidades da população-alvo, conciliando os dados obtidos com os objetivos da Política Habitacional da Administração Municipal e os interesses da FEAC.

Concomitantemente a essa fase inicial de negociações, ocorreu a fase de cadastramento das famílias que viriam ser beneficiadas com o projeto habitacional.

As áreas da cidade de Campinas indicadas para o loteamento foram: favelas do Jardim Boa Esperança, Vila Brandina, Jardim Lídia, Vila Nogueira e Jardim Flamboyant.

Enquanto o processo de negociação e agilização para implantação do Projeto Habitacional se encaminhava, a equipe técnica da Secretaria de Habitação da Prefeitura Municipal de Campinas iniciou um programa para preparação das famílias a respeito da nova fase da vida de cada um, bem como as implicações dessa mudança. Para facilitar as conversações entre os moradores e as instituições envolvidas, foram organizadas comissões de moradores em cada local, que além de facilitar o diálogo, tinham o objetivo de administrarem as dificuldades que emergissem durante o período de negociações. Essas comissões incumbiram-se também de discutir com os moradores, aspectos relacionados à cesta básica de materiais para construção, que seria fornecida pela FEAC, assim como o prazo para construção das casas, sorteio dos lotes e as condições da transferência.

A área para onde seriam transferidas as famílias - Vila Lafayette Álvaro - fica próxima ao bairro Parque Brasília², onde existia uma organização não governamental religiosa denominada SEIAS, dirigida pelas irmãs da Congregação das Filhas de Jesus, que já realizavam trabalho social com famílias, crianças e adolescentes no local. Esse trabalho social das religiosas teve, e ainda tem um papel preponderante durante todo o processo de apoio aos moradores durante a implantação do plano habitacional da Vila e principalmente na construção da cidadania dessas pessoas.

Em 10 de junho de 1996, foi realizado o sorteio dos 312 lotes pertencentes a área da Vila Lafayette Álvaro, para as famílias cadastradas e, a partir do dia 16 do mesmo mês, foram iniciadas as primeiras construções no local. Com a mudança para a Vila, os moradores depararam-se com inúmeras necessidades e problemas, e optaram por formar comissões de moradores que ficariam responsáveis por diversos setores como, por exemplo, comunicação e segurança, esportes e lazer, educação, saúde e transportes, que desenvolveram um importante trabalho de organização e representação da comunidade na formação da primeira Associação de Moradores da Vila Lafayette Álvaro.

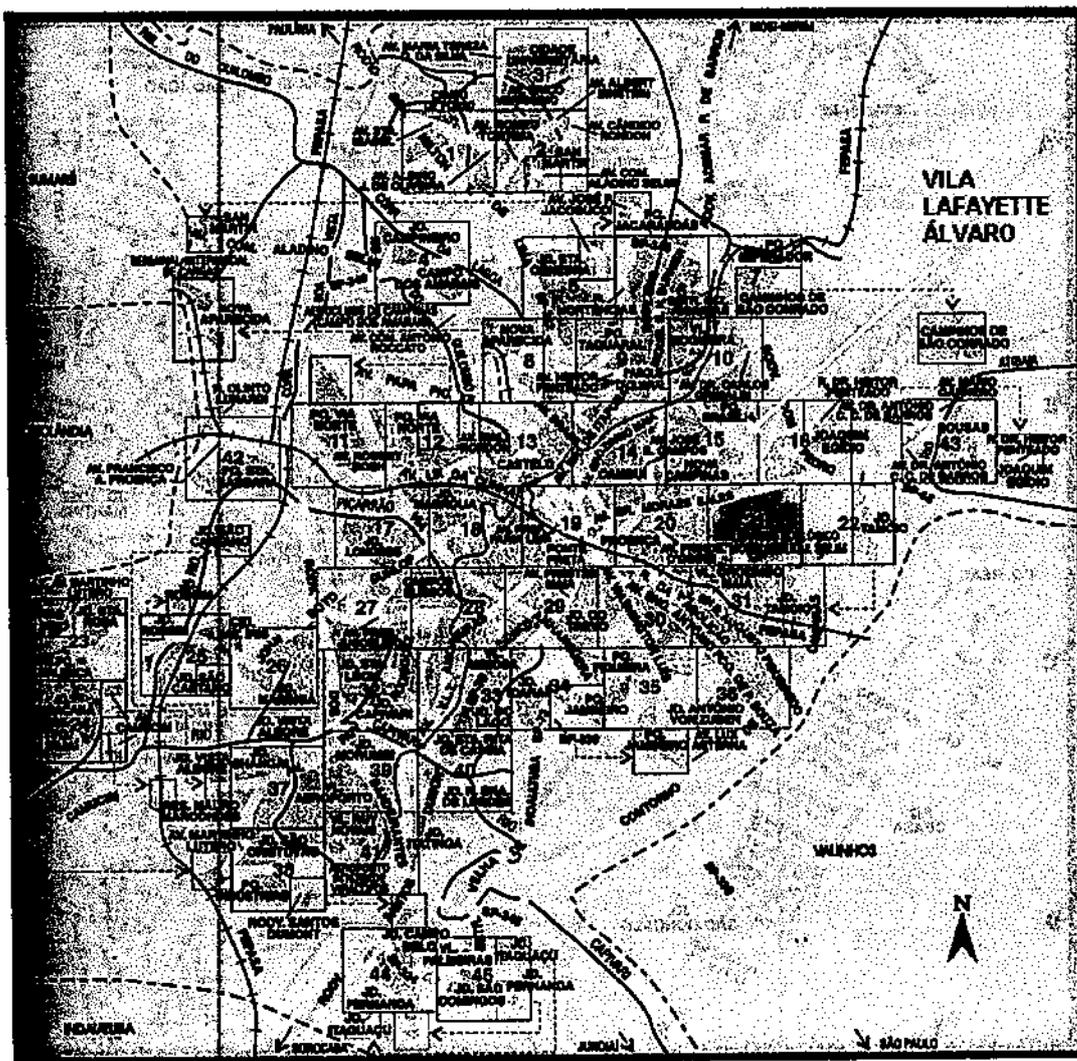
² Consultar as figuras das páginas 15 e 16.

Além das casas, foram construídos por meio de um mutirão organizado pelas comissões de moradores, a Creche da Vila e o Centro Comunitário, sendo que a primeira visa atender as crianças de 0 a 6 anos da Vila, cujas mães estejam empregadas. O Centro Comunitário, que é composto por seis salas, tinha inicialmente o objetivo de concentrar os pontos comerciais da Vila, pois, segundo o Departamento de Fiscalização da Prefeitura Municipal de Campinas, o comércio na área residencial é proibido. Existe apenas um mini-mercado funcionando em uma das salas. Como a população não demonstrou interesse em utilizar as salas para fins comerciais, a FEAC e a irmã Nazaré, resolveram iniciar atividades sem fins lucrativos no local. Atualmente nas salas do Centro Comercial funcionam: o grupo de ginástica para mulheres, o grupo de ballet para meninas de 8 a 14 anos, a sala de supletivo de 1ª a 4ª série do primeiro grau, o grupo de corte e costura e, em uma mesma sala a biblioteca, a brinquedoteca e o clube de estudos.

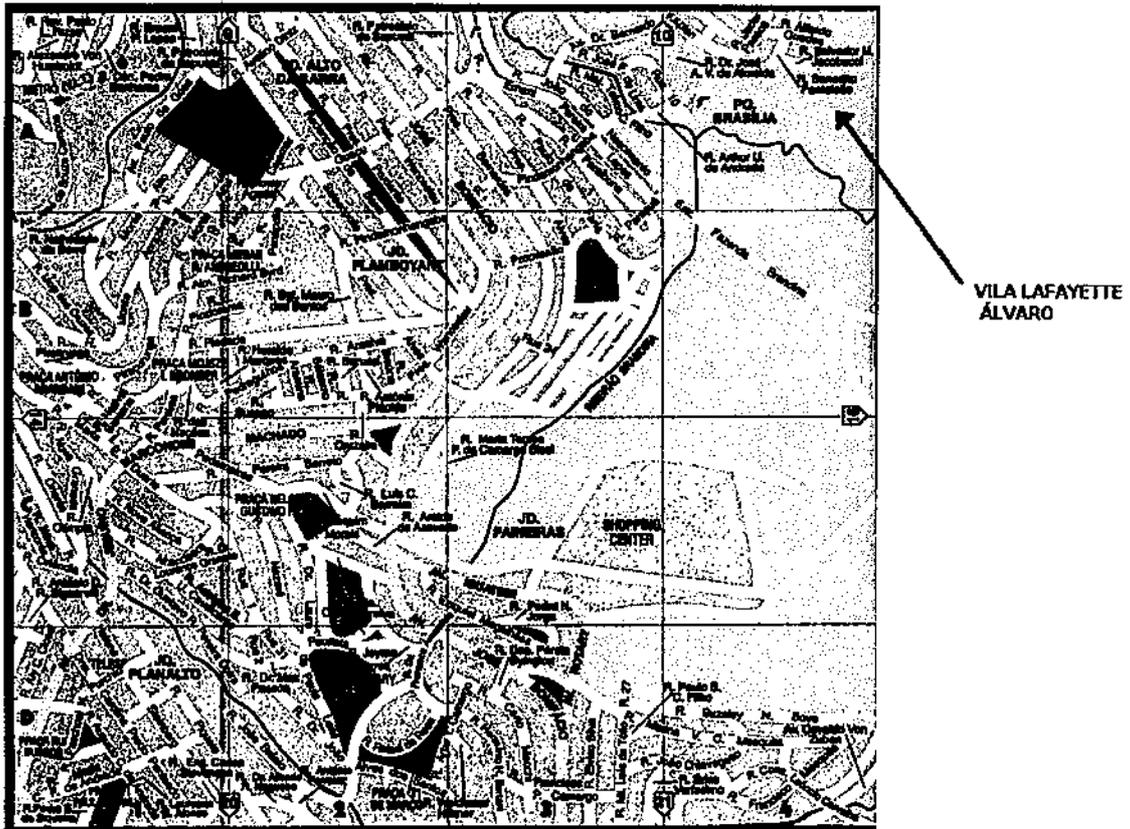
O processo de construção da Vila ainda não chegou ao fim. Na planta original existe um projeto de duas praças e arborização das ruas que ainda não foi iniciado.

Dados recolhidos em setembro de 1997, apontam que existem aproximadamente 312 famílias morando no local. O número de crianças e adolescentes na faixa etária dos 7 aos 14 anos, chega à 290, sendo que desse total, atualmente 15 encontram-se fora da escola.

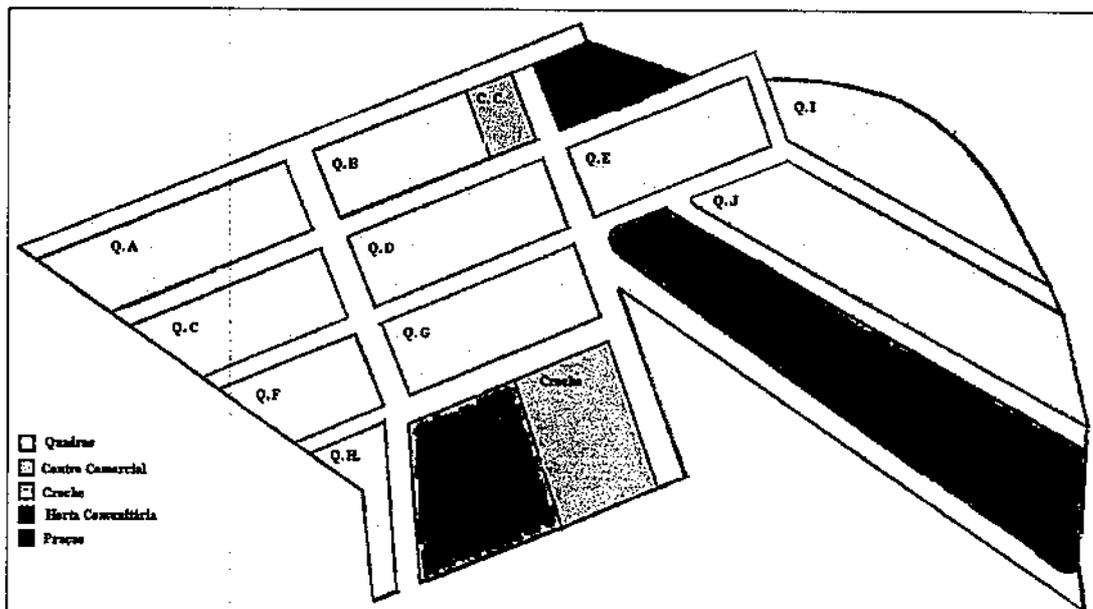
Mapa da Cidade de Campinas



Mapa Ampliado da Região da Vila



Mapa da Vila Lafayette Álvaro



CAPÍTULO I

A opção pelo tema do projeto de pesquisa

Durante as primeiras reuniões realizadas com a FEAC, o grupo envolvido com o projeto de pesquisa na Vila constatou a importância de se trabalhar a questão da educação com toda a comunidade e, assim, elegemos as famílias, as escolas, a Creche da Vila e o Núcleo Educacional como prioridades.

A possibilidade de travar um relacionamento direto com a realidade econômica, cultural e social da Vila, me fez optar imediatamente pelo grupo que ficaria responsável pelo trabalho com as famílias. Nesse momento de escolha, também levei em consideração todos os trabalhos realizados em estágios em escolas públicas, e a oportunidade de realizar algo diferente foi o que mais me atraiu. Além disso, no meu entender, a família é a principal responsável pela educação dos filhos, portanto, se havia na Vila crianças fora da escola ou com dificuldades de aprendizagem, nada mais lógico do que buscar na própria família, as causas dessas ocorrências.

Antes de iniciar o trabalho com as famílias da Vila, procurei estruturar um projeto de pesquisa, definindo meus objetivos, sem perder de vista o objetivo geral da pesquisa que era, verificar quais as crianças e jovens que estavam fora da escola ou que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem ou problema de comportamento na escola. Nesse momento, procurei também optar por uma metodologia de pesquisa, considerando prazos e atividades a serem realizadas.

Por meio das observações realizadas e, mais ainda por intermédio de entrevistas informais com cerca de quarenta famílias do local, pude levantar alguns fatores que intervêm em um dos fenômenos identificados, ou seja, crianças e jovens fora da escola. Dentre esses fatores, estão presentes: evasão escolar, repetência, dificuldades de aprendizagem, falta de vagas nas escolas da região, dificuldades financeiras, entre outros. Além disso, na maioria das vezes, constatei que as crianças que estavam na escola, mas apresentavam dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento, não tinham o acompanhamento nem o incentivo das famílias. As falas de algumas mães ilustram muito bem a situação na Vila:

“...Ela (a criança) é burra, mesmo...”

“... Eu nem cheguei a terminar a 2ª série, como posso ajudar meus filho na lição de casa?...”

“... Eu num gosto de ir na escola, porque a gente (as mães), só escuta reclamação da professora. Ela fala na frente de todo mundo que a minha filha é burra, que ela não toma banho pra ir na escola,...”

Assim, levantei uma questão central que norteou todo o trabalho que realizei: Até que ponto o meio sócio-cultural e familiar está influenciando no problema da valorização e do reconhecimento do saber escolar, de modo a não estimular as crianças e jovens da Vila a frequentarem as aulas?

Para trabalhar essa questão, as demais alunas que estavam enfocando as famílias e eu optamos por realizar também, atividades com as próprias crianças e jovens que faziam parte de nosso universo de pesquisa, procurando com isso, ficar mais próximas das famílias alvos.

Posteriormente, com a idéia de criar uma biblioteca na Vila e, após a redefinição dos objetivos e das ações a serem realizadas para alcançá-los, designei o seguinte título para o meu trabalho de pesquisa: “O papel da família no ingresso e permanência de jovens e crianças na escola: um estudo sobre moradores da Vila Lafayette Álvaro”.

Devido às inúmeras mudanças que ocorreram durante o desenvolvimento do trabalho, as ações e os objetivos tiveram que ser repensados, sendo assim, redefini como objetivos deste trabalho:

- trabalhar as atitudes da família diante da educação formal e informal;
- encaminhar às escolas as crianças e jovens que não as frequentavam;
- aumentar a auto-estima das crianças para que elas passassem a valorizar seus conhecimentos e suas capacidades, superando todos os rótulos depreciativos que lhes fossem colocados;

- proporcionar às crianças, a partir das atividades realizadas na biblioteca, descobrir o prazer da leitura e perceber a importância do contato com os livros na biblioteca, na escola ou mesmo em casa;
- desenvolver com as famílias atividades que estivessem diretamente ligadas ao cotidiano escolar ou às questões da educação de seus filhos, para que com essa aproximação, elas se conscientizassem da importância da escola na vida de um indivíduo;
- diminuir a evasão e repetência dos alunos, auxiliando-os direta e indiretamente a superar as suas dificuldades de aprendizagem escolar para com isso demonstrar às famílias o potencial de seus filhos.

Para chegar a esses objetivos, optei por desenvolver o trabalho a partir de uma pesquisa aplicada, participante, que se adaptou perfeitamente à problemática encontrada na Vila. Para Gajardo (1986, pág. 8),

“a pesquisa participante é o termo usado com mais frequência, na atualidade, para fazer referência às experiências que procuram conhecer, transformando. Ela é uma prática na qual pesquisa e ação aparecem como momentos de um único processo de aprendizagem coletiva.”

Assim como a pesquisa ativa e a pesquisa na ação, a pesquisa participante tem sua origem vinculada aos processos de educação de adultos, e como tal, reconhece a influência de Paulo Freire. Gajardo mostra em seus estudos, que no enfoque da pesquisa participante podemos observar os seguintes aspectos:

- a) necessidades de grupos social e politicamente marginalizados. Seu objetivo é o de trabalhar com os grupos excluídos, em situações comuns de trabalho e estudo;
- b) o ponto de partida, o objeto e a meta da pesquisa participante são o processo de aprendizagem dos que fazem parte da pesquisa. Suposições teóricas não são examinadas. Pelo contrário, o trabalho científico é entendido como contribuição à

democratização. Incentiva-se uma tomada de consciência dos grupos sociais marginalizados, em relação à situação e necessidades, para que estas possam melhorar, mediante a organização e a ação política;

c) ao invés de se manter distância entre o pesquisador e o grupo que vai ser examinado, tal como se exige nas ciências tradicionais, propõe-se a interação;

d) no desenrolar do estudo, aspira-se a uma comunicação o mais possível horizontal entre todos os participantes. Isso pressupõe que as metas e o desenvolvimento do projeto não sejam previamente determinados, mas que se elaborem com a intervenção de todos os participantes e que, no decorrer da pesquisa, possam ainda ser mudados;

e) utiliza o diálogo como meio de comunicação mais importante no processo conjunto de estudo e coleta de informação;

Durante o desenvolvimento do trabalho na área educacional na Vila, percebi que essa metodologia de pesquisa seria a ideal para o tipo de atuação e de resultados que eu gostaria de obter.

• No processo de coleta de dados com as famílias, fiz uso de entrevistas informais com roteiros flexíveis, que seguiam uma ordem lógica entre os assuntos em questão - é importante ressaltar que os meus propósitos e objetivos foram, desde o início, esclarecidos às pessoas envolvidas. Essas entrevistas possibilitaram-me a vantagem de obter informações desejadas e a complementação ou confirmação de informações captadas por meio de relatórios fornecidos pela FEAC, de informações coletadas na escola, ou ainda de depoimentos das religiosas que atuam na Vila.

Sempre que possível, os dados obtidos foram registrados de duas formas: anotações e/ou gravações. A gravação permitia que eu dispensasse toda atenção ao entrevistado, trazendo ainda a vantagem de que tudo aquilo que fosse falado, fosse registrado em sua íntegra. Quando não foi possível o uso da gravação, os dados foram anotados em cadernos de campo.

Além das entrevistas com as famílias, os depoimentos das crianças e adolescentes com quem trabalhei, tiveram um papel fundamental no

desenvolvimento do trabalho, pois eram elas o centro de todos os acontecimentos. Para Martins (1991 apud Chiste, 1997, p. 10).

“O indivíduo é o sujeito que fala e não o que se cala. É o que proclama seus direitos e que reconhece seus deveres. Todavia nem sempre diz o que é realmente importante. Sempre tem muito a esconder. Há também os que silenciam e procuram falar através do silêncio: são os que foram calados, excluído e marginalizados das tribunas da vida, obrigados a dissimular o seu dizer no gesto e na metáfora”

Na medida em que eu ia tendo contato com as crianças da Vila, comecei a perceber que elas pertenciam ao grupo dos que não falavam, mas ouviam muito, por isso, na nossa concepção, elas deveriam ser estimuladas a se expressarem sobre os acontecimentos à sua volta e foi isso que eu procurei fazer durante os contatos que tive com as crianças e adolescentes da Vila.

Além da coleta de dados na Vila, realizei um levantamento bibliográfico que priorizou os temas: educação não-formal, educação e família e dificuldade de aprendizagem. Posteriormente, fiz um levantamento da bibliografia existente sobre biblioteca e sobre formas de se trabalhar e incentivar a leitura, para complementar o trabalho realizado com as crianças e jovens. Não posso deixar de mencionar que durante o desenvolvimento do trabalho, todas as alunas envolvidas com o projeto na Vila Lafayette Álvaro estavam constantemente realizando reuniões com representantes da FEAC e com a professora Maria Teresa Eglér Mantoan, responsável pela orientação do trabalho. Nesses encontros fazíamos uma avaliação de tudo que já havia sido feito antes, estabelecíamos metas e prioridades, e discutíamos possíveis mudanças.

Ainda no início do trabalho, para organizar-me melhor, elaborei um cronograma geral, correspondente ao período de agosto de 1997 a junho de 1998, em que o projeto deveria ser desenvolvido:

CRONOGRAMA GERAL

<i>MÊS</i>	<i>AÇÃO</i>
AGOSTO	Planejamento, revisão bibliográfica e organização do trabalho.
SETEMBRO	Estudo do meio, levant. de dados e planej. Início da intervenção.
OUTUBRO	Intervenção
NOVEMBRO	Intervenção
DEZEMBRO	Intervenção
JANEIRO	Férias
FEVEREIRO	Férias
MARÇO	Intervenção
ABRIL	Intervenção e Avaliação do projeto
MAIO	Intervenção e início da redação final do TCC II.
JUNHO	Intervenção e redação final do TCC II.

Para realizar a coleta de dados e iniciar as atividades com as crianças e adolescentes e suas famílias, estabeleci os seguintes passos:

- 1- conhecer os moradores que estavam envolvidos diretamente no projeto, ou seja, as famílias das crianças e jovens de 7 a 14 anos que estavam fora da escola, ou que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem ou problema de comportamento;
- 2- tabular os dados coletados para com isso delimitar os sujeitos com quem iria atuar;
- 3- escolher um local em que eu pudesse desenvolver adequadamente as atividades planejadas no projeto;
- 4- conhecer esse local e adequá-lo às necessidades do trabalho;
- 5- convidar as crianças e jovens e explicar aos pais ou responsáveis, a proposta e os objetivos do projeto;
- 6- planejar as atividades a serem desenvolvidas;
- 7- iniciar as atividades com as crianças e jovens;
- 8- fazer um acompanhamento com as famílias;
- 9- convidar as próprias famílias para participarem de atividades voltadas a elas;

10- iniciar as atividades com as famílias;

Os passos 3, 4, 5 e 6 foram realizados concomitantemente.

Para melhor esclarecer o que foi realizado, organizei um cronograma referente a todas as atividades propostas para o desenvolvimento do trabalho na Vila Lafayette Álvaro, como segue:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES REALIZADAS

DATA	ATIVIDADES/AÇÕES
04/08	Reconhecimento do meio - visita e entrevista com as famílias.
06/08	Reconhecimento do meio - visita e entrevista com as famílias.
11/08	Reconhecimento do meio - visita e entrevista com as famílias.
13/08	Reconhecimento do meio - visita e entrevista com as famílias.
18/08	Reconhecimento do meio - visita e entrevista com as famílias.
20/08	Tabulação dos dados coletados com as famílias.
25/08	Tabulação dos dados coletados com as famílias.
27/08	Tabulação dos dados coletados com as famílias.
01/09	Reunião com a assistente social da Vila para definição do projeto e reconhecimento do local de trabalho.
03/09	Elaboração do primeiro planejamento geral do projeto.
08/09	Visita as Delegacias de Ensino de Campinas (1ª e 4ª delegacias).
10/09	Definição dos sujeitos (crianças) com quem vamos atuar.
15/09	Visita às casas - distribuição dos convites e breve explicação dos objetivos e das atividades que serão realizadas no projeto.
17/09	Visita às casas - distribuição dos convites e breve explicação dos objetivos e das atividades que serão realizadas no projeto.
22/09	Início da intervenção com as crianças.
24/09	Intervenção.
01/10	Planejamento das atividades a serem desenvolvidas no mês de agosto.
06/10	Reunião com a assistente social da Vila.
08/10	Levantamento bibliográfico - montagem, funcionamento e normas existentes sobre as bibliotecas.
08/10	Visita às escolas - entrevistas com os professores das crianças com que estamos atuando.
13/10	Levantamento das escolas, das séries e dos professores das crianças com quem estamos trabalhando.
16/10	Visita às escolas - entrevistas com os professores.
20/10	Visita às escolas - entrevistas com os professores.
22/10	Tabulação dos dados coletados nas escolas.
27/10	Definição de um novo local para a atuação / Elaboração e conclusão do projeto de TCC I a ser apresentado na Faculdade.
29/10	Apresentação do projeto de TCC I.
03/11	Arrecadação e transporte de livros e brinquedos usados para o local de atuação.

05/11	Visita às casas - convidar as mães para uma reunião com as estagiárias envolvidas nos projetos Escola e Família.
07/11	Reunião com um membro do projeto PAICA ³ / reunião geral para definição da pauta da reunião com as mães.
10/11	Visita às casas - convidar as mães para uma reunião com as estagiárias envolvidas nos projetos Escola e Família.
12/11	Organização e limpeza do novo local de trabalho.
13/11	Reunião com as mães.
17/11	Reinício da intervenção.
19/11	Planejamento das atividades.
26/11	Planejamento das atividades.
01/12	Intervenção.
03/12	Elaboração do relatório final de TCC I.
02/03	Intervenção.
05/03	Intervenção.
12/03	Intervenção.
13/03	Visita às famílias.
18/03	Visita às famílias.
19/03	Reunião com representantes da FEAC.
25/03	Visita às famílias.
26/03	Visita às famílias.
02/04	Intervenção.
03/04	Intervenção.
09/04	Reunião com as mães.
16/04	Intervenção.
17/04	Intervenção.
23/04	Reunião com representante da FEAC – Projeto biblioteca Viva.
24/04	Reunião com as mães.
29/04	Reunião com representantes da FEAC.
04/05	Reunião com uma representante da ABAMAC.
07/05	Intervenção.
08/05	Intervenção.
13/05	Visita às escolas.
14/05	Visita às escolas.
15/05	Visita às escolas.
20/05	Reunião com representantes da FEAC.
21/05	Intervenção.
22/05	Reunião com as mães.
03/06	Intervenção.
04/06	Intervenção.
08/06	Visita às famílias.
15/06	Visita às famílias.
18/06	Intervenção.
19/06	Intervenção.

³ Programa de Atendimento Integral da Criança e Adolescentes - PAICA, da DRO -leste da Prefeitura Municipal de Campinas-SP.

25/06	Intervenção.
26/06	Intervenção.

Apesar de não constar no cronograma acima, a redação final do meu trabalho se deu juntamente às atividades realizadas nos meses de maio e junho de 1998.

CAPÍTULO II

Conhecendo as famílias da Vila

A partir do contato com a realidade educacional apontada por representantes da FEAC, o grupo de alunas da Unicamp que optou por trabalhar com as famílias da Vila foi a campo, em busca de mais dados que permitissem uma melhor sistematização da problemática do projeto.

O primeiro passo para o desenvolvimento do trabalho foi conhecer o local. Por se tratar de um bairro de periferia com graves problemas de violência e tráfico de drogas, uma assistente social da FEAC, acompanhou-nos durante as primeiras visitas, apresentando-nos aos moradores e também a alguns membros das comissões existentes no local. Duas lideranças, a senhora N. e a senhora O., eram nossos pontos de referência, caso necessitássemos de outras informações sobre os moradores do local.

Devido à necessidade de delimitarmos nosso universo de pesquisa,



iniciamos o trabalho com as famílias por meio de um relatório, fornecido pela FEAC, que apresentava um levantamento sobre a situação das crianças e jovens da Vila no

Vista geral da Vila Lafayette Álvaro

que se refere à área educacional.

Com o auxílio das comissões existentes no bairro conseguiu-se projetar o número de crianças e jovens, de 7 a 14 anos, fora da escola ou que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem ou problemas de comportamento. A pesquisa, que foi tabulada por uma assistente social da FEAC, apontou o total de 41 famílias e aproximadamente 50 crianças como sujeitos. É importante frisar que esses dados presentes no relatório, abrangeram toda a comunidade residente no local.

Nesse relatório constava o nome da criança, a série que frequentava, caso estivesse estudando, o endereço e a dificuldade escolar apresentada.

Decidimos complementar o relatório com outras informações, como: idade da criança ou jovem, escola que frequentava (caso o fizesse), período em que estudava, se era repetente ou não, se gostava de estudar e quais eram as suas dificuldades na escola. Durante as conversas com algum membro da família dessas crianças e adolescentes, de preferência a mãe, procurávamos confirmar ou não as informações coletadas anteriormente, tentando além disso, verificar qual a importância da educação na vida dessas pessoas e qual a opinião que eles tinham sobre os filhos enquanto estudantes, questionando se havia algum tipo de acompanhamento em casa, qual a opinião que eles tinham sobre a escola, se eles iam às reuniões na escola e se eles procuravam a professora em outras ocasiões que não essas reuniões.

Como o primeiro passo da intervenção do grupo na Vila era o contato direto com as famílias, optamos por estabelecer um critério que agilizasse o processo das visitas. Para isso, fizemos uma relação de famílias situando-as por endereço (quadra e rua), por exemplo: no primeiro dia de visita, fomos a todas as casas da quadra C na rua 35, depois a todas as casas da quadra C na rua 36, e assim por diante.

Na maioria das casas em que estivemos, logo que nos apresentávamos, explicando a finalidade da visita e dando o nome da assistente social da FEAC como referência, éramos muito bem recebidas. Devido ao tom informal da conversa, passados os primeiros momentos de desconfiança, as pessoas respondiam prontamente às questões levantadas. Quase sempre conseguíamos informações como: o número de adultos e o número de crianças que moravam na casa e as respectivas idades, quantas pessoas trabalhavam fora, qual o grau de escolaridade dos adultos residentes na casa, se alguma criança frequentava a creche da Vila ou o Núcleo Educacional, qual é a cidade de onde eles tinham vindo, o que eles achavam da Vila, entre outras. Tais informações foram de fundamental importância, pois no decorrer das visitas já conseguíamos traçar um perfil da criança ou do jovem com quem iríamos atuar, mesmo que esse não fosse um dos objetivos do trabalho.

Os dados, recolhidos por meio das "entrevistas" com as famílias, referentes a situação das crianças e jovens em idade escolar, foram organizados por nós nas tabelas a seguir:

**CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR QUE
ESTÃO FORA DA ESCOLA***

QUADRA	RUA, N.º	NOME	IDADE	OBSERVAÇÃO
C	35, 257	Israel	8	não conseguiu vaga.
C	35, 289	Karina	7	excesso de nervosismo, não se adaptou à escola.
D	36, 380	Camila	8	nunca estudou, não conseguiu vaga.
G	36, 347	Jeferson	7	não conseguiu vaga.
E	35, 29	Luís Henrique	7	não conseguiu vaga.
E	35, 29	Adriano	7	não conseguiu vaga.
E	35, 29	Robson	12	nunca estudou, problemas de desmaios e ataques epiléticos.
I	39, 142	Patrícia	14	não conseguiu vaga.
I	39, 142	Marlon	12	não conseguiu vaga.
J	38, 169	Sabrina	7	a mãe não fez a matrícula no prazo determinado.
J	38, 237	Patrícia	14	não quer mais estudar, parou na 5ª série.
J	39, 09	Emerson	14	parou de estudar na 5ª série por motivos de indisciplina.
J	39, 167	Ivanilde	11	parou de estudar na 1ª série por ter dificuldades de aprendizagem.

* Esta tabela foi elaborada pelas alunas da Faculdade de Educação da Unicamp: Ana Paula N. Ciocci, Bianca S. Borges e eu.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR QUE APRESENTAM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

QUADRA	RUA, N.º	NOME	IDADE	ESCOLA	SÉRIE	PERÍODO	OBSERVAÇÃO
B	14, 121	Lílian	10	R.P.	3ª	tarde	dificuldade em matemática.
B	35, 192	Deived	9	L.B.	3ª	tarde	indisciplina, hiperatividade e assiduidade insatisfatória.
C	35, 257	Luciana	12	L.B.	5ª	tarde	dificuldade em matemática.
C	35, 321	Darleta	14	J.F.L.	4ª	manhã	dificuldade em matemática
C	35, 321	Jéssica	7	J.F.L.	1ª	manhã	é dispersa.
C	35, 289	Carla	10	J.F.L.	4ª	tarde	problemas na pronúncia, dicção e nervosismo excessivo em provas.
C	35, 307	Wesley	8	L.B.	1ª	tarde	indisciplina e hiperatividade.
C	36, 424	Elcio	13	J.F.L.	6ª	tarde	é repetente.
D	36, 380	Robson	12	J.F.L.	2ª	tarde	dificuldade de relacionamento com o grupo.
E	36, 236	Jonathan	7	L.B.	1ª	tarde	não acompanha o ritmo da turma.
G	36, 303	Carlos Henrique	11	J.F.L.	4ª	manhã	assiduidade insatisfatória.
G	36, 329	Daniela	8	J.F.L.	1ª	manhã	indisciplina e dificuldade de aprendizagem não identificadas.
I	39, 36	Camila	7	J.F.L.	1ª	tarde	é dispersa.
J	38, 87	Maxwell	9	J.F.L.	2ª	tarde	dificuldade em língua portuguesa.

J	38, 237	Michele	7	J.F.L.	1ª	tarde	faz cópias mas não lê.
J	39, 35	Fabiana	14	J.F.L.	4ª	tarde	indisciplina.
J	39, 15	Janaina	12	J.F.L.	5ª	manhã	dificuldade em matemática.
J	9, 47	Sérgio	13	J.F.L.	3ª	manhã	dificuldade em língua portuguesa.
J	39, 47	Luís Carlos	12	J.F.L.	3ª	manhã	dificuldade em língua portuguesa.
J	39, 111	Adriana	10	J.F.L.	2ª	manhã	dificuldade em língua portuguesa.
J	39, 117	Marcos	9	J.F.L.	2ª	tarde	indisciplina, dificuldade em língua portuguesa e matemática.
J	39, 167	Jocelida	7	R.P.	1ª	tarde	é dispersa, lenta e não acompanha o ritmo da turma.
J	39, 85	Fernando	8	R.P.	1ª	tarde	indisciplina.
J	39, 29	Ana Paula	13	J.F.L.	5ª	tarde	dificuldade de aprendizagem não identificada.
J	39, 97	Jessy Kellen	12	A.R.	5ª	manhã	dificuldade em geografia e matemática.
J	39, 97	Ana Paula	11	J.F.L.	2ª e 3ª agrupadas	manhã	dificuldade não identificada.
J	39, 97	Clovis	9	J.F.L.	2ª	tarde	não gosta de estudar.
J	38, 169	Inês	11	J.F.L.	5ª	manhã	dificuldade em inglês.

OBSERVAÇÃO: J.F.L. = EEPG Prof. Joaquim Ferreira Lima.
L.B. = EMPG Lourenço Bellechio.
R.P. = EMPG Raul Pila.

Além disso, elaboramos uma listagem mais completa com todos os dados das famílias entrevistadas:

Relação das crianças da Vila Lafayette Álvaro que estão fora da escola ou que apresentam dificuldade de aprendizagem.⁴

QUADRA A

Nenhum problema identificado.

QUADRA B

Endereço: Rua 14 nº 121
Informante: Maria (mãe)
Número de pessoas que moram na casa: 2
Número de crianças: 1.
Nome e idade: Lilian, 10 anos.
Escola: EMPG Raul Pila.
Série e período: 3ª série, vespertino.
Dificuldade de aprendizagem: em matemática.

Endereço: Rua 35, nº 192
Informante: Vanessa (filha)
Número de pessoas que moram na casa: 7
Número de crianças: 4
Nome e idade: Douglas, 11 anos; Daiana, 10 anos; Deived, 9 anos; J, 1,7 anos.
Escola: EMPG Lourenço Bellochio.
Série e período: Todos na 3ª série, tarde.
Dificuldade de aprendizagem: Deived apresenta problemas de indisciplina, hiperatividade e assiduidade insatisfatória.

QUADRA C

Endereço: Rua 35, nº 257
Informante: Renata (mãe).
Número de pessoas que moram na casa: 3
Número de crianças: 2
Nome e idade: Luciana, 12 anos; Israel, 8 anos.
Escola: EMPG Lourenço Bellochio.
Série e período: 5ª série, tarde; o menino não estuda por falta de vaga.
Dificuldade de aprendizagem: Luciana tem dificuldades em matemática.

Endereço: Rua 35, nº 289.
Informante: Rosilda (mãe).
Número de pessoas que moram na casa: 5.
Número de crianças: 3
Nome e idade: Carla, 10 anos; Karina, 7 anos; Cássia, 7 anos.

⁴ Estes dados foram coletados e organizados por Ana Paula N. Ciocci, Bianca S. Borges e eu - todas alunas da Faculdade de Educação da Unicamp.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 4ª série, tarde; Karina não estuda porque não se acostumou com a escola; pré escola.

Dificuldade de aprendizagem: Carla apresenta problemas na pronúncia e dicção, nervosismo excessivo em dias de provas e avaliações.

Endereço: Rua 35, nº 307

Informante: Selma (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 4

Nome e idade: Wesley, 8 anos; T., 5 anos; E., 3 anos; J., 1 ano.

Escola: EMPG Lourenço Bellochio e creche.

Série e período: 1ª série, tarde; creche.

Dificuldade de aprendizagem: é repetente, tem problemas de indisciplina e hiperatividade. Tem acompanhamento de psicólogo.

QUADRA D

Endereço: Rua 36, nº 380.

Informante: Simone (irmã).

Número de pessoas que moram na casa: 4

Número de crianças: 3

Nome e idade: Robson, 12 anos; Camila, 8 anos ; L, 2 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 2ª série, tarde; Camila nunca foi a escola por falta de vagas.

Dificuldade de aprendizagem: Robson quer parar de estudar pois se acha grande demais em relação aos amigos.

QUADRA E

Endereço: Rua 36, nº 236.

Informante: Simone (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 4

Número de crianças: 3

Nome e idade: Jonatan, 7 anos; J., 6 anos; J., 1,4 anos.

Escola: EMPG Lourenço Bellochio e Parque.

Série e período: 1ª série, tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Jonatan não acompanha o ritmo da turma.

Endereço: Rua 35, nº 29.

Informante: Zenilde (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 4

Nome e idade: Andressa, 10 anos; Adriana, 9 anos; Luís Henrique, 7 anos; Adriano, 7 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: as duas meninas estão na 3ª série a tarde e os dois não estão na escola.

Dificuldade de aprendizagem: não apresentam problemas de aprendizagem.

Endereço: Rua 35, nº 35.

Informante: Joel (pai).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 4

Observação: As crianças foram recolhidas pelo Conselho Tutelar. (por informações externas, soubemos que o motivo da ação foi por maus tratos).

Endereço: Rua 35, nº 53.

Informante: José Benedito (tio).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 3

Nome e idade: Bruna, 13 anos; Robson, 12 anos; Janáina, 9 anos.

Escola: desconhecida. (não soube informar)

Série e período: desconhecidos. (não soube informar)

Dificuldade de aprendizagem: Robson não estuda porque tem epilepsia.

QUADRA F

Nenhum problema identificado.

QUADRA G

Endereço: Rua 36, nº 347

Informante: Silvia Helena (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 4

Nome e idade: Peterson, 8 anos; Jeferson, 7 anos; L., 5 anos; L., 3 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 2ª série, tarde; Jeferson não estuda.

Dificuldade de aprendizagem: não apresenta dificuldade.

Endereço: Rua 15, nº 4.

Informante: Simone (irmã).

Número de pessoas que moram na casa: 8

Número de crianças: 3

Nome e idade: R., 14 anos; Anderson, 8 anos; A., 1,5 anos.

Escola: EMPG Lourenço Bellochio.

Série e período:

Dificuldade de aprendizagem:

Endereço: Rua 15, nº 10.

Informante: Benedita (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 4

Nome e idade: Josias, 18 anos; Elieser, 16 anos; Marcos, 15 anos; Tatiana, 10 anos.

Escola: Josias não estuda, os outros dois fazem supletivo e Tatiana estuda na EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 3ª manhã.

Dificuldade de aprendizagem: Não apresentam dificuldade de aprendizagem.

Endereço: Rua 15, nº 48

Informante: Maria Helena (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 7

Número de crianças: 5

Nome e idade: Alessandra, 19 anos; Alexandre, 17 anos; Alexandro, 16 anos; Márcia, 12 anos ; Juliana, 11 anos.

Escola: Alessandra e Alexandre fazem supletivo, Alexandro não estuda, Márcia e Juliana estudam no EMPG Lourenço Bellochio.

Série e período: Márcia está na 4ª série de manhã e Juliana está na 3ª série a tarde.

Dificuldade de aprendizagem: não tem dificuldades de aprendizagem, gostam da escola.

Endereço: Rua 15, nº 54.

Informante: Kellen (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 3

Nome e idade: Amauri, 10 anos; Loilson, 8 anos; Keith, 5 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima, EMPG Lourenço Bellochio e Keith estuda no Gabriel Porto (Ensino Especial).

Série e período: 4ª série, manhã; 2ª série tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Amauri tem problemas de indisciplina.

Endereço: Rua 15, nº 74

Informante: Fátima (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 9

Número de crianças: 7

Nome e idade: Janaina, 15 anos; Tatiane, 13 anos; Josiane, 10 anos; Milton, 7 anos; Jéssica, 5 anos; Cleiton, 4 anos; Daiana, 3 anos.

Escola: Janaina não estuda, Tatiane e Josiane estudam na EEPG Joaquim F. Lima e o Milton está na pré-escola do Parque.

Série e período: 4ª série, tarde e 3 série, tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Ninguém apresenta dificuldades na escola.

Endereço: Rua 15, nº 92

Informante: Célia (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 8

Número de crianças: 3

Nome e idade: Samuel, 14 anos;

Escola: Samuel conseguiu vaga agora no supletivo, as outras duas estão na EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: ...

Dificuldade de aprendizagem:

QUADRA H

Nenhum problema foi identificado.

QUADRA I

Endereço: Rua 39, nº 160

Informante: Eliana (irmã)

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: "3".

Nome e idade: Denilson, 17 anos; Eliel, 20 anos; Eliana, 20 anos.

Escola: Não estudam por falta de vagas.

Série e período:-

Dificuldade de aprendizagem:

Endereço: Rua 39, nº 86.

Informante: Roseli (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 7

Número de crianças: 5

Nome e idade: Camila, 7 anos; Carolina, 6 anos; Karem, 5 anos; Cláudio, 2 anos; Cleber, 2 meses.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima e Parque.

Série e período: 1ª série e pré-escola.

Dificuldade de aprendizagem: Camila não presta atenção, é dispersa.

QUADRA J

Endereço: Rua 38, nº 87.

Informante: Lenir (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 3

Nome e idade: Marcela, 15 anos; Maxwell, 9 anos; Michele, 7 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima e a Michele está na EMPG Raul Pila.

Série e período: 1º colegial, tarde; 2ª série, tarde e 1ª série, tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Maxwell não gosta de estudar, tem dificuldades em Língua Portuguesa.

Endereço: Rua 38, nº 237.

Informante: Arlete (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 4.

Número de crianças: 2.

Nome e idade: Patrícia, 14 anos; Michele, 7 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: Patrícia não estuda e a Michele está na 1ª série, tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Michele sabe copiar mas não sabe ler.

Endereço: Rua 39, nº 9.

Informante: Cleonice (irmã).

Número de pessoas que moram na casa: 17

Número de crianças: 12

Nome e idade: Emerson, 14 anos; Lucélia, 12 anos; Tais, 7 anos.

Escola: EEPG Profª. Regina Coutinho Nogueira.

Série e período: Emerson não frequenta a escola (parou na 2ª série), as outras duas estão na 1ª série a tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Emerson saiu da escola por motivos de indisciplina.

Endereço: Rua 39, nº 35.

Informante: Maria Lúcia (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 9

Número de crianças: 6

Nome e idade: Ana Mírian, 17 anos; Patrícia, 15 anos; Fabiana, 14 anos; Fábio, 11 anos; Daniela, 10 anos; Daniela, 3 anos.

Escola: As duas primeiras fazem Supletivo, Fabiana estuda na EEPG Joaquim F. Lima, Fábio e Daniela estudam na EMPG Lourenço Bellochio., a mais nova frequenta a creche.

Série e período: 2ª série do Supletivo noturno, 2ª série do Supletivo noturno, 4ª série tarde, 1ª série tarde, e 1ª série tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Fabiana apresenta problemas de indisciplina e Patrícia, segundo a mãe, tem problemas na cabeça porque se irrita ao não conseguir ler.

Endereço: Rua 39, nº 15.

Informante: Maria José (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 3

Nome e idade: Gisele, 15 anos; Janaina, 12 anos; Joice, 6 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 8ª série, manhã; 5ª série, manhã; e a mais nova ainda não estuda.

Dificuldade de aprendizagem: Janaina apresenta dificuldade em matemática.

Endereço: Rua 39, nº 47.

Informante: Célia (irmã).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 4

Nome e idade: Célia, 15 anos; Sérgio, 13 anos; Luís Carlos, 12 anos; Sandra, 1 ano.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 4ª série, tarde; 3ª série, manhã; 3ª série, manhã.

Dificuldade de aprendizagem: Todos apresentam dificuldades em Língua Portuguesa, especialmente em leitura.

Endereço: Rua 39, nº 67.

Informante: Maria José (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 11

Número de crianças: 6

Nome e idade: Leandro, 8 anos; Anderson, 6 anos; Bruno, 3 anos; Laiane, 2,5 anos; Breno, 2,5 anos; Samuel, 1 ano.

Escola: Leandro não estuda, Anderson frequenta o EMEI.

Série e período: pré-escola.

Observação: Leandro é deficiente mental e já está matriculado na Sociedade Pestalozzi para o ano de 1998.

Endereço: Rua 39, nº 111.

Informante: Maria Geralda (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 4

Nome e idade: Lucas, 12 anos; Alexandra, 11 anos; Adriana, 10 anos; Anderson, 7 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima

Série e período: 5ª série, tarde; 5ª série, manhã; 2ª série, manhã; 1ª série, manhã.

Dificuldade de aprendizagem: Adriana apresenta dificuldades em Língua Portuguesa.

Endereço: Rua 39, nº 117.

Informante: Ivone (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 6

Número de crianças: 3

Nome e idade: Ramoila, 14 anos; Elival, 11 anos; Marcos, 9 anos.

Escola: EEPG Joaquim F. Lima.

Série e período: 5ª série, tarde; 5ª série, tarde; 2ª série, tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Marcos apresenta problemas de indisciplina e dificuldade em Língua Portuguesa e Matemática.

Endereço: Rua 39, nº 167.

Informante: Ilda (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 5

Número de crianças: 4

Nome e idade: Ivanilde, 11 anos; Joiceilda, 7 anos; Jéssica, 5 anos; João Vítor, 1,10 meses.

Escola: Ivanilde deixou a escola no primeiro semestre, Joiceilda estuda na EMPG Raul Pila.

Série e período: Ivanilde saiu da 1ª série e Joiceilda cursa a 1ª série.

Dificuldade de aprendizagem: Joiceilda não acompanha o ritmo da classe pois é muito dispersa e lenta na execução das atividades.

Endereço: Rua 39, nº 85.

Informante: Rosilene (mãe).

Número de pessoas que moram na casa: 7

Número de crianças: 4

Nome e idade: Kézia, 18 anos; Fábio, 17 anos; Alessandra, 12 anos; Fernando, 8 anos.

Escola: EMPG Raul Pila

Série e período: Kézia não estuda, parou no 1º colegial, Fábio está na 8ª série a tarde, Alessandra está na 6ª série a tarde, e Fernando está na 1ª série a tarde.

Dificuldade de aprendizagem: Fernando apresenta problemas de indisciplina.

Essa etapa do trabalho, além de me permitir investigar as concepções e o interesse das famílias pela escolaridade dos filhos, possibilitou-me um contato com informações muito importantes que viriam muitas vezes confirmar algumas hipóteses levantadas pela equipe de alunas envolvidas no projeto. Além disso, minhas colegas e eu percebemos que o estereótipo da família perfeita formada por um casal e seus filhos realmente pode ser considerado como um “*gerador de preconceitos e discriminação contra mulheres chefes de famílias*” (Campos, 1995, pág. 42), pois na Vila nos deparamos com uma realidade que aponta a mulher como “único” chefe da casa, e a nossa primeira reação era ficarmos espantadas e criticar a “*desestruturação familiar*”.

As famílias entrevistadas não ignoram que a escola pode ser uma via de acesso a melhores lugares na estrutura social, nem ignoram que ter uma ligação com a escola é fundamental para a sobrevivência na cidade.

Algumas mães entrevistadas assim se manifestaram a respeito:

“ ... para mim o importante é os meus filhos terem escola, sem escola o que elas vão fazer na vida? Chega a vida que levamos... Na escola elas aprendem a ler e podem até pegar ônibus. Eu não aprendi a ler e hoje não consigo nem ler as placas do ônibus. Quem não tem leitura hoje em dia não é ninguém.”

“...O meu sonho é que ele estude e melhore de vida. Quem não tem estudo não é nada na vida. Eu mesma já perdi muito emprego bom por causa da leitura. Hoje em dia qualquer empresa exige até a oitava série pelo menos.”

“... Porque a gente não estuda, a gente leva um vida muito difícil... ela precisa estudar pra melhorar, né?”

Mas apesar dos depoimentos acima, na maioria das vezes a família estava cansada de ouvir da escola somente reclamações sobre os seus filhos. O alto índice de repetência verificado nessas famílias, aliado às dificuldades de aprendizagem, às reclamações dos professores e às dificuldades financeiras, traduziam-se em desânimo e desestímulo à continuidade dos estudos e permanência na escola.

Outras mães se referiam a esse respeito dizendo:

“... ela é muito cabeça dura. Já repetiu duas vezes a segunda série e não quer saber de estudar. Estou cansada de receber bilhetinhos da professora, por isso vou tirar ela da escola e por ela pra trabalhar fazendo faxina comigo...”

“... eu tenho que trabalhar e não tenho com quem deixar os menorzinhos (os três filhos menores), por isso o M. saiu da escola. Ele não gostava de estudar, era preguiçoso e não ia bem...”

“... eu sempre vou nas reuniões, mas é duro toda vez só ouvir reclamação. Meu filho não é burro, ele só é um pouco lento,... A professora é que não tem paciência, então ele vai mal...”

“... meu marido está desempregado e a gente não tem condição de comprar uniforme e material para os quatro (filhos), por isso só a mais nova tá indo no prezinho. A minha patroa deu o uniforme e até um sapato...”

“... aqui em casa sou só eu, então tive que botar o A. para trabalhar, senão a gente ia passar fome...Eu sei que estudar é importante, mas ele já sabe ler melhor que eu, então dá pra ele se virar...”

A partir das entrevistas pudemos, minhas colegas e eu, conhecer melhor as necessidades e aspirações das famílias envolvidas, o que foi de extrema importância no momento de definir nossos objetivos e ações. Quando o trabalho de coleta e tabulação dos dados chegou ao final, pudemos iniciar o planejamento semestral das atividades com as crianças e adolescentes. Antes de iniciarmos esse trabalho fomos conhecer a sala do Centro Comercial da Vila onde seriam realizados os encontros com as crianças e adolescentes e, paralelamente a isso, fizemos à FEAC a solicitação de materiais de papelaria e de limpeza, que achamos indispensáveis para um bom desenvolvimento das atividades.

1ª Lista de materiais:

30 cartolinas (10 brancas, 10 amarelas e 10 verdes)

10 folhas de papel dobradura (cores sortidas)

100 folhas de papel manilha

10 folhas de papel de presente

500 folhas de papel sulfite branco

3 pacotes de papel sulfite colorido

3 estojos de canetinha hidrocor (12 cores)

3 estojos de giz de cera (12 cores)

3 estojos de lápis de cor

1 caixa de giz colorido

6 potes de tinta guache (azul, vermelho, branco, preto, amarelo e verde)

10 pincéis

3 apontadores

5 borrachas

1 tesoura grande

1 tubo de cola (1 litro)

5 réguas (30 cm)

10 lápis pretos

3 rolos de fita crepe

2 rolos de durex

1000 palitos de sorvete

50 etiquetas adesivas

copos plástico para café

copos plásticos para água

2 pacotes de perfex

10 Kg de argila



Estante com algum dos materiais

Enquanto o material era providenciado, começamos a pensar na forma mais eficiente de convidar as crianças e adolescentes a participarem conosco das atividades relacionadas ao ensino. Elaboramos um pequeno texto convidando-os, e novamente lá fomos nós, de casa em casa, explicando como seria o trabalho, aonde seria realizado, o horário,...

O modelo do convite:

Quadra: _____ Rua: _____ N° _____
Oi mamãe! Estamos convidando o (a) _____ a brincar com a gente todas as segundas e quartas-feiras no CLUBINHO DE ESTUDOS que funcionará no Centro Comercial. O horário de funcionamento é o seguinte: 8:30h às 9:30h ----- crianças de 7 a 9 anos. 9:30h às 10:30h----- crianças e adolescentes de 10 a 12 anos. 10:30 às 11:30h----- adolescentes de 13 a 14 anos. Será muito divertido e gostoso! Aproveite!

Durante esse processo, nosso grupo teve muita dificuldade em fazer as famílias entenderem que não se tratava de um trabalho com o objetivo de dar reforço escolar, mas sim de um trabalho de estimulação e reconhecimento das habilidades e das capacidades das crianças e adolescentes envolvidas no projeto.

Posteriormente, com a realização das atividades, que serão detalhadas mais adiante, deparamo-nos com inúmeros outros problemas e para resolvê-los, procuramos auxílio e resposta nas próprias famílias. Foi exatamente aí que consegui estabelecer a relação entre o trabalho realizado com as crianças e adolescentes em questão e o tema do meu projeto de pesquisa, pois comprovei o valor que a maioria das famílias deu à tentativa que o nosso grupo e eu estávamos fazendo, no sentido de melhorar ou amenizar os problemas de aprendizagem e solucionar a questão da falta de vagas, que eram os motivos mais alegados pelas famílias para o filho estar fora da escola. Isso pode ser observado nos depoimentos a seguir.

Uma mãe que deu o nome de duas filhas na lista das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem assim se pronunciou:

“...Elas têm treino de futebol no mesmo horário das atividades,... elas adoram fazer isso (treinar futebol),... ah não tem jeito de mudar o horário do treino, porque depois não tem ninguém para ir buscar as duas.”

A mãe de uma adolescente de 14 anos que estava participando comigo nas atividades, assim se referiu:

“... aqui em casa a gente tá curto de dinheiro, então coloquei a J. para fazer o curso de embalagens, porque pelo menos ela ganha uns trocados...”

Uma outra mãe, cujo filho foi somente duas vezes aos encontros que estavam programados, manifestou-se da seguinte forma:

“... ele (o filho) não quer saber de ir lá estudar com vocês, ele prefere dormir até mais tarde e ficar vendo Angélica.”

Percebi que a maioria das famílias estava conscientes que seus filhos apresentavam dificuldades na escola, contudo, no momento de incentivá-los mostrando-lhes a importância da participação nas atividades que estávamos desenvolvendo, várias famílias não demonstraram a mesma preocupação.

Além dessa dificuldade com a assiduidade e participação das crianças e adolescentes, tive alguns problemas como falta de espaço adequado e demora na entrega dos materiais necessários ao desenvolvimento das atividades. As férias de janeiro à março também dificultaram o recomeço do trabalho, pois dispersaram as crianças e adolescentes que estavam envolvidos. O fato de não poder contar com a ajuda da comissão de moradores, na transmissão de informações sobre datas e horários, já que esta deixou de atuar na Vila, fez com que eu perdesse um tempo precioso, pois tive que ir novamente de casa em casa, comunicando o reinício das

atividades no Centro Comercial. Para isso, elaborei com minhas colegas de grupo um segundo convite:

Modelo do convite:

RUA: _____, nº _____ QUADRA _____
Mamãe

Conforme foi combinado na reunião realizada na quinta-feira, dia 13-11-97, reiniciamos nosso trabalho educativo no Centro Comercial (sala 5). Agora é pra valer!!!

Não esqueça de falar para o (a) _____
encontrar com a gente todas as segundas às 8:00h.

Obrigada.

Ana Paula, Bianca e Carmem.



Posteriormente, com o reinício das atividades fizemos uma nova solicitação de materiais, pois muitos dos itens requeridos anteriormente, não foram comprados pela FEAC. O fato de nós mesmas termos ficado responsáveis pela manutenção da sala do Centro Comercial, fez com que minhas colegas e eu insistíssemos na necessidade de certos itens da lista de material.

CAPÍTULO III

O trabalho com crianças e adolescentes

Na fase inicial do trabalho, a principal meta do grupo que estava trabalhando com as famílias era conhecer todas as crianças e adolescentes, com quem iríamos atuar, tentando verificar se as dificuldades apontadas pelas famílias realmente existiam.

Nesse sentido, fomos orientadas pela professora Maria Teresa E. Mantoan a aplicar as Provas Piagetianas com cada um dos participantes cujos nomes constassem na relação apresentada pela FEAC. Esse trabalho foi muito exaustivo, pois apesar de não serem muitas crianças, demorávamos muito tempo com cada uma, mas os resultados foram muito interessantes, pois comprovamos por meio das provas citadas, que a maioria dessas crianças apresentava atraso no desenvolvimento cognitivo. As provas e seus resultados constam no anexo deste trabalho

Além disso, nessa etapa do trabalho, fizemos visitas às três escolas frequentadas por essas crianças e adolescentes: EMPG Prof. Joaquim Ferreira Lima, EMPG Lourenço Bellochio e EMPG Raul Pila. O nosso objetivo maior era conhecer as professoras e as respectivas salas de aula que esse alunos frequentavam, mas aproveitamos esse momento também, para investigar se as dificuldades apontadas pelas famílias tinham alguma relação com aquelas apontadas pelas professoras.

As dificuldades mais apontadas pelas professoras foram as seguintes:

- dificuldade na leitura: problemas na decodificação, na compreensão e na habilidade básica para ler;
- déficit de atenção: hiperatividade, distractibilidade, baixa capacidade de concentração;
- dificuldade na linguagem escrita: dificuldade na grafia e na compreensão das letras;
- dificuldade no raciocínio matemático: déficit no pensamento quantitativo, com fatos relacionados a tempo, espaço e cálculos.

Não foi surpresa perceber que os discursos das famílias eram simples reflexo da fala das professoras, mas o grupo que estava fazendo as visitas e eu ficamos realmente indignadas ao notar a forma discriminada com que esses meninos e meninas da Vila Lafayette Álvaro eram tratados. O caso mais grave de preconceito

foi presenciado em uma das escolas, sendo necessária a intervenção do Conselho Tutelar da cidade de Campinas, pois um dos alunos, que era morador da Vila, estava assistindo aula em um cercado feito de carteiras, sem participar das atividades propostas para os demais alunos e sem receber nenhuma atenção da professora.

Essa discriminação generalizada para com as crianças e adolescentes moradores da Vila Lafayette Álvaro, pode ser percebida na fala das professoras, pois quando questionadas sobre as causas das dificuldades de aprendizagem dos alunos que estávamos acompanhando, as professoras apontavam as dificuldades sócio-econômicas como principais culpadas. Nos depoimentos abaixo podemos comprovar isso:

“... ele tem uma vida muito pobre né, ... eu já tentei de tudo, mas ele não tem atenção do pai e da mãe em casa, e isso é muito importante.”

“Eu sempre vou visitar a casa dos meus alunos, mas lá na Vila eu não vou não porque tem muito problema de violência, ... outro dia mesmo, o pai de um garoto que estuda aqui foi assassinado lá.”

“...o que eu vou fazer, ... a gente chama as mães para as reuniões mas elas nunca têm tempo pra gastar com os filhos. Só sabem ficar trocando de homem... você pensa que isso não afeta a capacidade de aprender?”

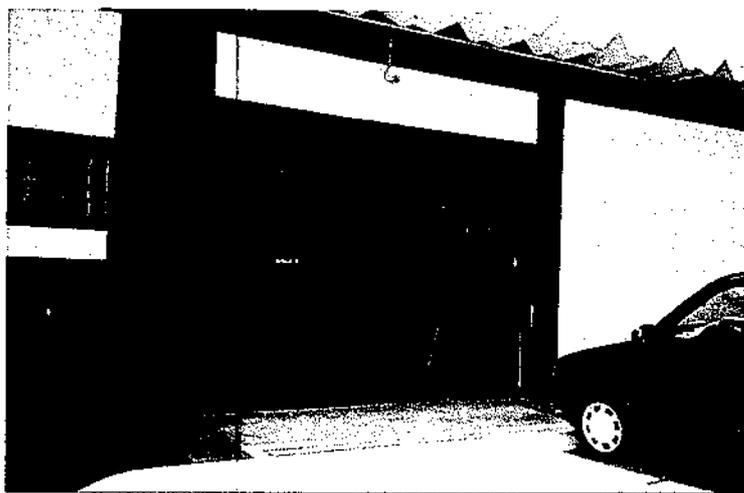
“...essas crianças vêm para a escola com a roupa cheirando xixi, às vezes até sem comer, ... se as mães tivessem um pouco mais de atenção com os filhos, talvez eles fossem mais inteligentes, né...”

“...o pai bebe, chega em casa bate nos filhos e na mulher, ... como você quer que uma criança assim aprenda?”

“Essa menina vai bem porque tem a situação econômica um pouquinho melhor....”

Percebi claramente que em nenhum momento a fala das professoras apontava a existência de dificuldades metodológicas dentro da sala de aula ou dentro da escola, e nem considerava que alguns indivíduos aprendem mais lentamente que

a maioria. Além disso, pude verificar que a maioria dessas professoras ficava centrada na cartilha ou no livro didático, sem ter a iniciativa de buscar novas alternativas para complementar as suas aulas. O mais grave de tudo, era que elas haviam esquecido que o “dever” do professor é proporcionar o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: social, moral, afetivo, físico e não apenas o intelectual.



Vista da porta da sala onde desenvolvemos as atividades

com as famílias e com as crianças e adolescentes, decidi montar sua estrutura de atuação em cima de atividades, buscando sempre aumentar a auto-estima desses meninos e meninas e fazer com que eles ficassem conscientes de sua capacidade para realizar as mais diversas tarefas. Tínhamos conhecimento das dificuldades que eles possuíam, mas achávamos que com uma certa dose de atenção, paciência e estímulo, essas dificuldades poderiam ir diminuindo.

Conforme o combinado, nossos encontros aconteceram às segundas e quartas-feiras, na parte da manhã. Como eram muitas crianças e adolescentes das mais variadas idades, optamos por dividi-los em três turmas:

8:30h às 9:30h ----- crianças de 7 a 9 anos

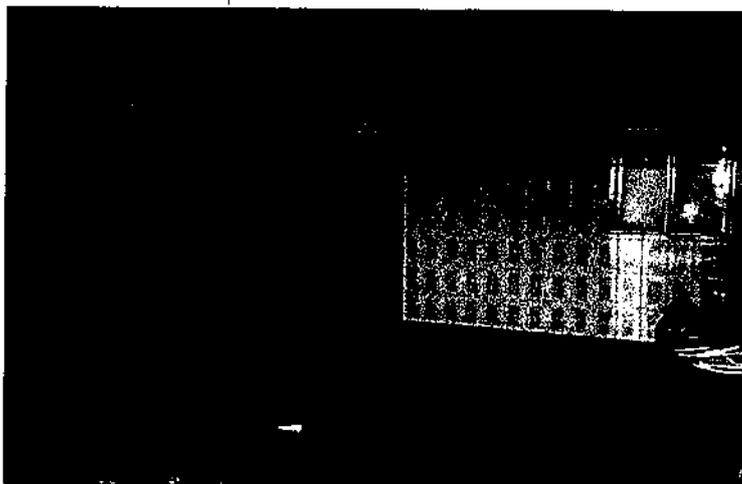
9:30h às 10:30h----- crianças e adolescentes de 10 a 12 anos

10:30 às 11:30h----- adolescentes de 13 a 14 anos.

Nos primeiros dias de trabalho, minhas colegas e eu, surpreendemo-nos com o número de crianças que apareceram. Foram mais de 40 crianças e adolescentes com faixa etária de 3 a 15 anos que chegaram todos juntos. A maioria não constava na lista que havíamos elaborado, mas mesmo assim concordamos que participassem das atividades. Nesses dias tivemos que improvisar algumas atividades, pois aquelas

Com o intuito de fazer do nosso trabalho na Vila, algo atraente e interessante, decidimos, minhas colegas e eu, trabalhar de um modo diferente das professoras com quem conversamos. Para isso, o grupo responsável pelo trabalho

que tinham sido antecipadamente planejadas, tornaram-se impossíveis de se realizar, pois além de não termos material suficiente para todos, o tamanho da sala era muito



restrito.

Optamos então, por desenvolver algumas brincadeiras na rua, o que fez com que muitas pessoas, adultos e crianças, se aproximassem para saber o que estava acontecendo.

A nossa sala no Centro Comercial

Apesar da desorganização, concluímos que os primeiros encontros foram muito importantes, porque todos os moradores interessados tiveram a oportunidade de conhecer o nosso trabalho e os seus objetivos e, além disso, possibilitaram que tornássemos-nos conhecidas na comunidade.

Depois de feitas as apresentações e esclarecidos os objetivos do trabalho do grupo de alunas da Unicamp na Vila, decidimos propor ao grupo brincadeiras que tinham como objetivo, trabalhar a coletividade, a coordenação motora, as noções de tempo, espaço e quantidade e a autonomia.

A seguir, darei exemplos de algumas das brincadeiras feitas com as crianças e adolescentes:

BRINCADEIRAS:

Batata Quente:

Instrução: As crianças sentam-se em roda, e uma das crianças que deverá estar virada de costas, tampa os olhos e diz: “batata quente, quente, quente,....” (cada vez mais rápido e quantas vezes quiser). Enquanto isso, a bola vai passando de mão em mão. Quando a criança pára de dizer quente, ela diz “queimou” e quem estiver com a bola naquele instante vai para o meio da roda aguardar até que todos tenham sido queimados.

Gato e Rato:

Instrução: Faz-se uma roda com todos os participantes de mãos dadas. Escolhe-se um representante para ser o “gato” e um para ser o “rato”.

O rato fica do lado de dentro da roda e o gato do lado de fora. O gato “bate a porta” e pergunta:

___ “O rato está?”

Todos respondem:

___ “Não.”

O gato pergunta:

___ “A que horas ele chega?”

Todos respondem, por exemplo:

___ “Às seis horas.”

O gato começa a girar em volta da roda, perguntando:

___ “Que horas são?”

A roda responde:

___ “Uma hora.”

O gato:

___ “Que horas são?”

Todos:

___ “Duas horas.”

Esse diálogo continua até se chegar às seis horas.

Nesse momento, o gato tem que tentar entrar na roda para pegar o rato. A roda deve proteger este último, impedindo a passagem do gato. Este pode tentar passar por baixo das penas ou braços. Se o gato conseguir entrar a roda deve deixar o rato sair e prender o gato; quando este conseguir sair da roda, deve-se deixar o rato entrar, e assim por diante, até o gato conseguir pegar o rato. Quando isso acontece, são escolhidas mais duas pessoas para participar como gato e rato.

Cobra-Cega:

Instrução: Escolhe-se uma criança para ser a “cobra-cega”. Coloca-se uma venda nos olhos da “cobra-cega” e gira-se o corpo dela sobre si mesma, de modo a desorientá-la. Os demais participantes ficam correndo em torno da “cobra-cega”, evitando serem tocados por ela. Quando a “cobra-cega”



Crianças durante brincadeira no primeiro dia de atividades

pegar alguém, deverá adivinhar quem é; se conseguir, essa pessoa passará a ser a “cobra-cega” seguinte. Se pegar alguém e não adivinhar, terá que continuar a ser “cobra-cega”.

Elefante Colorido:

Instrução: O grupo escolhe quem vai ser o “elefante colorido”.

O “elefante” inicia um diálogo:

__ “Elefante colorido.”

Todos respondem:

__ “Que cor?”

O “elefante” diz, por exemplo:

__ “Roxo.”

Todos os participantes deverão procurar algum objeto da cor indicada. Se alguém não conseguir, poderá ser pego, e então trocará de lugar com o “elefante”. Se todos conseguirem, o “elefante” será a mesma pessoa na próxima rodada.

Siga o Mestre:

Instrução: Escolhe-se uma pessoa para ser o “mestre”. Após isso, todos os participantes têm que imitar o “mestre”, fazendo os mesmos movimentos, as mesmas caretas,...

Esta brincadeira é uma ótima maneira de verificar a coordenação motora e o raciocínio que cada um dos participantes possui. Além disso, pode ser de grande auxílio ao se trabalhar noções de lateralidade.

Gato Mia:

Instrução: Escolhe-se um participante (A) que queira ter os olhos vendados. Os demais procuram se “esconder”. A função de (A) é encontrar alguém e tocá-lo. Ao fazer isso pergunta:

__ “Gato mia?”

E a pessoa que for tocada responderá, tentando disfarçar a voz:

__ “Miau.”

Pelo som e pelo tato (A) deverá adivinhar quem ele está tocando. Se não adivinhar, deverá pagar uma “prenda” ou “castigo”.

Morto-Vivo:

Instrução: Uma pessoa é escolhida para começar a brincadeira. Ela fica diante dos demais e comanda dizendo “morto” ou “vivo”. Não há uma sequência para falar “morto” ou “vivo”, podendo repetir a mesma palavra várias vezes. Quando ela falar:

__ “Morto.”

Os demais participantes deverão se agachar.

Quando ela falar:

__ “Vivo.”

Todos deverão ficar em pé.

Quem errar a brincadeira sai, e o último a ficar comandará a próxima rodada.

Devido às dificuldades com o espaço, tivemos que aos poucos ir restringindo a participação das atividades, somente às crianças e aos adolescentes cujos nomes estivessem na relação fornecida pela FEAC. A preocupação maior, no entanto, girou em torno da ausência daqueles que “deveriam” estar participando, pois daquela lista de 40 nomes de crianças e adolescentes com dificuldades na escola, somente três compareceram. Apesar de passarmos de casa em casa, para saber com a família o motivo da criança ou do adolescente não estar participando das atividades, a frequência não chegou a 30% do total da lista.

Para a realização do trabalho, o nosso grupo optou por estabelecer uma rotina diária de atividades que incluía:

- Hora da conversa: momento em que sentávamos com as crianças e adolescentes para conversar sobre qualquer assunto que fosse do interesse do grupo e para definir as atividades que seriam realizadas no dia.
- Desenvolvimento das atividades: algumas atividades eram propostas para o



grupo e eles decidiam o que seria feito no dia, por exemplo, Roda de Leitura, atividade de recorte e colagem e confecção de objetos de sucata,...

- Elaboração do diário: cada um recebia uma folha e nela

Crianças e adolescentes durante atividade de leitura registrava por meio de desenho ou escrita, as atividades que foram realizadas no dia. Essa atividade possibilitava que nós ficássemos a par do que cada um tinha gostado mais de fazer ou achado mais importante.

Mesmo com o pequeno número de participantes e com tantas atividades para serem desenvolvidas, no decorrer do desenvolvimento das atividades, tivemos a preocupação de manter as brincadeiras como alternativa de trabalho, pois eu particularmente, concordo com Brumer (1976 apud Campos, p. 58) quando diz que:

“A criança é capaz de conhecer o mundo brincando: o jogo, as atividades lúdicas são de fundamental importância na vida do ser humano. Nós nos expressamos através do lúdico, da arte, da música, da dança, da poesia, da imaginação, etc. “A ludicidade é uma conquista evolucionária humana, que o espaço do brincar é o espaço da invenção, da criatividade, da liberdade (...) o brincar é muito mais do que sua contribuição para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas, potencialmente úteis na vida adulta; é a própria ludicidade, uma característica básica e diferenciadora do ser humano em qualquer fase da vida, que se expressa e se exercita nele”

A autonomia é uma necessidade da criança. Segundo Oliveira (1985 apud Campos, p. 42), a criança devidamente estimulada procura suas respostas, suas próprias formas de explorar o mundo. Ela possui uma vida e uma realidade que precisa ser reconhecida.

“Através de uma brincadeira da criança podemos compreender como ela vê e constrói o mundo - o que ela gostaria que ele fosse, quais as suas preocupações e que problemas a estão assediando. Pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo, se bem que os adultos que a observam possam pensar assim. Mesmo quando entre numa brincadeira em parte para preencher os vazios, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.”(Bettelheim, 1988, p. 142 apud Chiste p. 57)

Apesar de estarmos trabalhando também com adolescentes, achamos que a brincadeira foi para eles e para as crianças, a melhor maneira de se comunicarem, um meio para perguntarem e explicarem, um instrumento que eles tiveram para se relacionar com outros indivíduos.

“ A brincadeira é um espaço de investigação e construção de conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo. É também o espaço onde podemos expressar de modo simbólico, nossas fantasias, nossos desejos, medos, sentimentos agressivos, suas alegrias,...”
(opus.cit.)

Durante o desenvolvimento das atividades, o nosso grupo teve a intenção de garantir um espaço para que crianças e adolescentes pudessem exercitar o debate, a crítica, a criatividade, a cooperação e o diálogo, para isso, a maior parte das atividades propostas foram realizadas em grupos pequenos, de três ou quatro integrantes, além disso, tivemos a preocupação de estar o tempo todo questionando-os para conhecer as opiniões que eles tinham sobre os mais variados assuntos, inclusive sobre os nossos encontros.

__ O que você mais gosta de fazer aqui?

__ “De desenhar e de brincar.” (J., 8 anos)

__ “Das brincadeiras... é só.” (F., 14 anos)

__ “De enfeitar a sala e de fazer atividades com massinha e tinta.” (A., 12 anos)

__ “Dos jogos e das atividades com argila, massinha e sucata.... Ah, eu gosto de tudo.”

(L. 12)anos

__ “ Eu gosto dos jogos e das brincadeiras.” (M.11 anos)

__ “ De fazer os jogos e as brincadeiras.” (D. 13 anos)

A preocupação de fazer atividades acadêmicas relacionadas a língua portuguesa, matemática, história, ... intercaladas à brincadeiras, deu uma característica nova ao trabalho com as crianças,



pois por mais que levássemos *Crianças e adolescentes durante atividade de desenho* atividades de escrita e leitura ou de matemática, o grupo de participantes encarava a tarefa como mais uma atividade prazerosa. Isso de forma alguma prejudicou o nosso trabalho, pelo contrário: as crianças e os adolescentes sentiam-se estimulados e desafiados a fazer essas atividades nesse clima de trabalho.

A maior alegria, foi perceber que as dificuldades de aprendizagem estavam diminuindo e a auto-estima aumentando. Até mesmo as dificuldades de relacionamento provocadas pela agressividade de duas pessoas do grupo, uma menina e um menino, foram desaparecendo com o decorrer dos encontros.

Como as dificuldades mais comuns foram com relação à leitura e escrita, o desenvolvimento do trabalho se deteve muito neste assunto ou conteúdo. Juntamente com o grupo de alunas da Unicamp, as crianças e adolescentes confeccionaram jogos de memória para trabalhar ortografia, pontuação e produção de texto; fizeram atividades de recorte e colagem com livros didáticos, elaboraram um diário de atividades cujo objetivo era estimular a escrita,...

Com tantas atividades contemplando o processo de leitura e escrita, foi surgindo na minha mente a idéia de montar uma biblioteca na Vila, pois na minha opinião o que faltava para as crianças e jovens e também para os adultos que moravam na Vila, era um espaço que possibilitasse o contato dessas pessoas com o universo da leitura, que até então encontrava-se restrito à escola.

Durante o desenvolvimento desse trabalho feito em equipe, pudemos perceber muitos progressos. A maior conquista do grupo que trabalhou com as crianças e adolescentes, foi a confiança e a amizade que conseguimos despertar em todos eles, pois no começo do trabalho todos se mostravam arredios e desconfiados, mas com o passar do tempo fomos nos conhecendo e esses sentimentos desaparecendo.

Com a idéia de criar uma biblioteca, os trabalhos das demais integrantes do grupo que trabalhou com as crianças e adolescentes e os meus tomaram rumos diferentes. Optei então, por criar a biblioteca e torná-la um espaço cultural da Vila.

CAPÍTULO IV

A biblioteca

Como já foi mencionado no capítulo anterior, a idéia de montar uma biblioteca na Vila surgiu a partir de discussões a respeito dos trabalhos realizados com crianças e adolescentes no espaço do Centro Comercial, pois durante a realização das atividades, o grupo que estava desenvolvendo o trabalho e eu percebemos que as dificuldades de aprendizagem giravam em torno principalmente, da leitura e escrita.

Um dos problemas que eu havia detectado, era que as crianças e adolescentes achavam que o ato de ler e escrever estava associado simplesmente à escola e à sua obrigatoriedade. Eles não viam no livro a possibilidade de se divertir ou de passar o tempo lendo algo de que gostassem, então, o principal objetivo era “desescolarizar” o ato de ler, possibilitando que eles criassem o gosto e o prazer pela leitura. Embora hoje em dia, pesquisadores e professores reconheçam na leitura seu papel de instrumento fundamental de aprendizagem, sabe-se que é raro que desse aprendizado os alunos venham a descobrir o prazer de ler. Na minha opinião, num enfoque amplo do ensino da leitura, o ensinar a ler para aprender deve vir acompanhado do “ensinar a ler para ler”. Concordo plenamente com o que lí em um dos volumes sobre Livros e Leitura dos Cadernos da TV Escola (MEC, 1997, p. 23):

“É importante que os alunos aprendam que a leitura é um instrumento para o ócio e a diversão, uma ferramenta lúdica que nos permite explorar mundos diferentes dos nossos, reais ou imaginários, que nos aproximam de outras pessoas e de suas idéias, que nos converte em exploradores de um universo que construímos com a nossa imaginação.”

Apesar de ter como um dos objetivos principais, despertar o prazer pela leitura, a minha intenção era abrir a biblioteca e colocá-la à disposição de todos os moradores que estivessem interessados, sem destinar esse espaço exclusivamente às crianças e adolescentes envolvidos em nosso projeto. O mito de que a leitura só pertence ao universo da escola existia, e o que eu queria era justamente mostrar que o ato de ler está associado ao cotidiano de todas as pessoas, e não somente daquelas que frequentaram ou frequentam a escola.

Muitas mudanças ocorreram em meu projeto com a idealização da biblioteca, devido ao grande desafio de montá-la na Vila e fazê-la funcionar, mas refletindo melhor sobre essa nova idéia, percebi que ela teria condições de adequar-se perfeitamente aos meus planos de trabalho com as famílias da Vila. Esse espaço cultural poderia aproximar-me ainda mais do público-alvo do meu projeto, porque seria uma referência concreta para as pessoas interessadas e preocupadas com a questão da educação de seus filhos. Assim, decidi que começaria a realizar as atividades primeiramente com as crianças e adolescentes, tentando aproveitar o espaço da biblioteca para trabalhar as dificuldades de aprendizagem que elas ainda estivessem apresentando. Em um outro momento, eu tentaria trazer as mães e os pais, ou os responsáveis por essas crianças e adolescentes para participar de atividades planejadas especificamente para eles. Felizmente, como se pode observar neste capítulo e no posterior, apesar de inúmeras dificuldades que apareceram, consegui realizar o que pretendia.

Logo após uma reunião com a assistente social da FEAC responsável pelo trabalho na Vila, consegui a definição do local onde poderia funcionar a biblioteca. Uma sala do Centro Comercial ficaria à disposição do grupo de estagiárias da Unicamp para a implantação da biblioteca, brinquedoteca e clube de estudos.

O próximo passo foi fazer uma campanha de arrecadação de livros usados, revistas e jornais na Faculdade de Educação e junto ao familiares e pessoas conhecidas. Para isso, espalhei cartazes em vários lugares de Faculdade, definindo o Centro Acadêmico da Pedagogia como ponto de entrega. Apesar dessa Campanha feita na Unicamp, obtive maior êxito com o “boca a boca” feito com os amigos e familiares. A biblioteca da Vila recebeu cerca de 250 livros, especialmente livros didáticos e enciclopédias.

A FEAC teve uma participação importante nesse processo, pois conseguiu junto

ao Programa de Assistência à Criança e ao Adolescente - PAICA, a doação temporária de uma biblioteca Itinerante que deveria estar sendo utilizada na cidade de Campinas, mas que encontrava-se guardada, sem utilidade. A representante do

**Campanha de
arrecadação de livros,
jornais e revistas usados.
Contribua! Ajude um
bairro carente a ter a sua
própria biblioteca.**

**As doações devem ser
feitas no CAP.**

Obrigada.

PAICA colocou algumas exigências que deveriam ser cumpridas para que o acordo pudesse ser feito:

- que os livros ficassem em um armário trancado com cadeado;
- que os livros deveriam ficar separados dos demais volumes que a biblioteca viesse a ter;
- que os livros fossem devolvidos assim que terminasse o projeto na Vila;
- que se o PAICA precisasse dos livros ele tinha total liberdade de ir buscá-los e levá-los embora;

Apesar de não concordar com alguns dos termos do PAICA, a FEAC e eu decidimos aceitar o empréstimo. Porém, a intenção de obter a doação vitalícia desses livros para a biblioteca da Vila esteve presente durante o desenvolvimento de todo o projeto.

Fazia parte do acervo desta biblioteca aproximadamente 370 volumes de



literatura infantil e juvenil, todos em ótimo estado

Concomitantemente ao processo de arrecadação de livros, fui atrás de materiais que garantissem a infra-estrutura da biblioteca: estantes ou armários, fichas catalográficas, ... Por meio da

Crianças e adolescentes durante a organização da biblioteca FEAC, entrei em contato com uma instituição que tinha duas estantes para doar, e assim, mais um problema estava resolvido.

A minha maior preocupação no entanto, foi no sentido de envolver a comunidade no processo de criação e organização da biblioteca, pois assim, as pessoas passariam a valorizá-la muito mais. Na verdade, o que eu não queria era que a biblioteca fosse mais um presente que ninguém achava importante. Por isso, antes de iniciar os preparativos para a criação da biblioteca, fiz um levantamento com alguns moradores da Vila para saber o que eles achavam de ter esse espaço no local.

__ Você acha importante a criação de uma biblioteca aqui na Vila?

__ “ Eu acho que vai ser muito bom,... porque às vezes as crianças tem que fazer algum trabalho de escola e não tem onde pesquisar, então vai ser muito útil.” (M. 32 anos)

__ “ Ah,... eu acho que vai ser bom. porque em casa a gente não tem livros e aí as crianças vão poder ir lá para ler.” (P. 25 anos)

__ “ Acho legal, ... as vezes as professoras mandam a gente ler uns livros e é super difícil pegar na biblioteca da escola, então vai ficar mais fácil.” (J. 16 anos)

__ “ Eu acho que é bom, né... porque aí ao invés das crianças ficarem na rua com más companhias, ela têm um lugar para estudar,...” (C. 47 anos)

__ Você gostaria de ficar “sócio” da biblioteca da Vila e participar das atividades que pretendemos desenvolver nesse local? Por que?

__ “Eu mesma já não ia querer, porque eu não sei ler e escrever, mas eu ia mandar os meus filhos pra lá,...” (C. 47 anos)

__ “Vich,... ah eu não sei não, porque eu não tenho tempo pra essas coisas. Eu trabalho o dia inteiro e ainda tenho que cuidar da casa e dos filhos, então cê já viu, né,...” (R. 35 anos)

__ “Acho que eu ia querer, porque a gente tem que se informar das coisas que estão acontecendo no mundo, né,...” (J. 28 anos)

__ “Eu acho que se eu tivesse tempo eu ia dar uma espiada, porque eu nunca fui numa biblioteca, né, então a gente tem curiosidade.” (S. 36 anos)

__ “Acho que eu não vou poder,.... eu não me lembro bem dessas coisas de escola e de leitura, então acho que não dá pra mim não.” (B. 28 anos)

__ “Eu não sei,... porque pra ir na biblioteca tem que saber ler, né? Eu parei de estudar muito cedo, só fiz o primeiro ano e eu não sei ler muito bem, então o que eu ia fazer lá?” (F. 33 anos)

Pelos depoimentos acima, verifiquei que as pessoas ainda têm uma visão de que a biblioteca e a prática da leitura estão somente associados à escola. Apesar disso, elas acham que é importante ter uma biblioteca na Vila, e a maioria dos adultos com quem conversei, disse que ia levar os filhos para participar das atividades.

Tendo o objetivo de envolver a comunidade no processo de criação da biblioteca, logo que as estantes chegaram, sugeri que as crianças e adolescentes que estavam participando das atividades comigo me ajudassem no processo de catalogação dos livros e organização da biblioteca. Essa etapa do meu projeto foi de extrema importância, pois eu consegui despertar o interesse de todos, mesmo aqueles que diziam não saber ler, para os livros e consequentemente para a leitura.

Ao mesmo tempo em que ia catalogando os livros, trabalhava com eles, conteúdos relacionados à leitura e produção de texto. Foram trabalhados conceitos básicos como: definição de página e folha, capa, contracapa, títulos de livros, número da página, entre outros, conceitos de pontuação: ponto final, travessão, vírgula, ponto de interrogação, ... e conceitos mais específicos como: nome livro, nome do autor, personagens, tema da história, assunto principal, entre outros. Além disso, dei grande importância à necessidade de preservação e conservação dos livros e de todo o material que fazia parte da nossa biblioteca, das escolas ou de qualquer outro lugar. O processo de conscientização da importância dos livros na vida das pessoas era feito em todos os momentos, e na minha opinião obtive um grande resultado, pois logo no início dos trabalhos na biblioteca, montei um cartaz com algumas regras que as próprias crianças e adolescentes julgaram ser importantes:

- não escrever nos livros;
- não dobrar, amassar ou sujar as folhas;
- não pintar, riscar, desenhar, grifar ou recortar os livros, ou fazer isso somente nos livros específicos para trabalhos como esses;
- não deixar o livro ao alcance de crianças muito pequenas ou animais que possam danificá-lo;
- devolver o livro na data marcada;

Além disso, levei para eles uma história, numa linguagem muito simples, sobre o surgimento da escrita na época dos egípcios e sua evolução até os dias atuais com o computador. A partir disso, sugeri uma atividade em que cada um dos presentes levantava uma utilidade que o livro ou qualquer material escrito tem em nossas vidas. Apareceram coisas muito interessantes:

- é usado para se comunicar (cartas, cartões, bilhetes e cartão-postal);
- é usado para pesquisar e estudar (livros didáticos e enciclopédias);
- é usado para se informar (jornais e revistas);

- é usado para tirar dúvidas (dicionários);
- é usado para se divertir (gibis, histórias infantis e romances);
- é usado para rezar (Bíblia e livros religiosos);
- é usado para fazer propagandas (out-doors e anúncios);

O processo de catalogação demorou algumas semanas, mas durante os nossos encontros eu sempre tinha a preocupação de não deixar que as atividades ficassem muito cansativas ou repetitivas, por isso, intercalava os momentos de organização da biblioteca com atividades de leitura e escrita ou com atividades como desenho, recorte e colagem e confecção de brinquedos ou utensílios de sucata, por exemplo. Além disso, procurei proporcionar o acesso aos mais diferentes tipos de materiais de leitura. Propus atividades com gibis, livros didáticos, dicionários, jornais e revistas, bulas de remédios, rótulos de embalagens, enfim, com todos os materiais que fizessem parte do cotidiano deles.

Desde que comecei a organizar a biblioteca, todos passaram a levar livros para casa sempre com o compromisso de trazê-lo uma semana depois. No início, eu sugeri que cada um contasse a história do livro que leu para os demais colegas e falasse se tinha gostado do livro ou não, qual a personagem de que mais tinha gostado, ... Depois dessa “conversa”, pedia que eles registrassem a história lida, da forma que eles achassem melhor. Nas primeiras vezes em que fiz essa atividade, que as crianças, adolescentes e eu chamamos de Roda da Leitura, todos preferiram desenhar a história, mas com o passar do tempo, alguns se arriscaram a escrevê-la, e isso demonstrou que a maioria só necessitava de um pouco de estímulo para desenvolver qualquer atividade escrita com êxito.

Durante os encontros a minha maior dificuldade estava em elevar a auto-estima das crianças e adolescentes e mostrar que eles eram inteligentes e capazes de fazer qualquer uma das atividades propostas. Felizmente, os livros me deram a oportunidade e a possibilidade de trabalhar leitura e escrita de uma forma interessante para todos, pois eles estavam lendo o que queriam, e se não estivessem gostando da história, tinham liberdade de devolver o livro e pegar outro.

Uma atividade que no início foi motivo de muita resistência por parte de alguns, foi a leitura em voz alta. A partir de uma sugestão das próprias crianças, criamos a Hora de Contar História. Eles escolhiam um livro e eu lia a história em voz alta tentando “dar vida” às personagens e ao conto. Quando eu terminava, todos

discutiam a história, e faziam atividades de interpretação do texto. Na segunda vez que fizemos isso, eu tive a idéia de perguntar se tinha alguém que gostaria de ler em voz alta. Ninguém quis, mas para minha surpresa, na semana seguinte, uma das meninas prontamente se ofereceu para fazer a leitura da história. E assim foi. Com o tempo comecei a sugerir inovações como por exemplo cada criança ler a fala de um determinado personagem, como se fosse um teatrinho. Quase todos adoraram, mas dois meninos, e uma menina se recusaram a participar. Ao investigar mais a fundo, percebi que a insegurança era a principal causa. Por mais que eu oferecesse ajuda e os colegas se mostrassem pacientes, foi bastante difícil convencê-los. Depois de duas semanas motivando-os e estimulando-os, consegui que um deles participasse, e apesar de algumas “engasgadas”, ele adorou. Os outros dois, sentindo-se estimulados pela turma, também começaram a participar das “encenações”.

Esses momentos foram extremamente gratificantes, pois pude perceber o entrosamento da turma e a preocupação que os mais velhos tinham, em ajudar os mais novos ou os que apresentavam maiores dificuldades.

Além da preocupação em proporcionar o entrosamento da turma, existia a preocupação de verificar se as crianças e os adolescentes estavam gostando das atividades realizadas e se eles já estavam percebendo a importância do espaço da biblioteca em suas vidas. Para isso eu estava o tempo todo questionando-os informalmente a respeito disso:

__ Você gosta de participar das atividades na biblioteca?

__ *“Gosto... é legal, tem muita brincadeira e desenho.”* (D. 13 anos)

__ *“ Gosto muito, porque aqui eu posso ler e contar historinhas e levar o livro pra casa pra contar pros meus irmãos.”* (A. 14 anos)

__ *“ Eu gosto... porque é legal conversar sobre os livros e desenhar as historinhas.”* (M. 11 anos)

__ *“ Ah. Eu gosto sim. É legal ficar escutando histórias e desenhar, e eu também gosto muito de fazer trabalho com recorte e colagem.”* (L. 12 anos)

__ O que você acha das atividades que são feitas aqui?

__ *“Legal.”* (D. 13 anos)

__ *“Legal.”* (M. 11 anos)

__ “São muito legais.” (A. 14 anos)

__ “São legais.” (L. 12 anos)

__ Você gosta de vir para a biblioteca? Por que?

__ “*Eu gosto porque aqui tem muita atividade legal,... os livros são todos novos e bonitos e a gente mesma pode escolher o que quer ler.*” (A. 14 anos)

__ “*Porque tem bastante desenho e brincadeiras,... e eu adoro fazer os teatrinhos das histórias dos livros.*” (F. 14 anos)

__ “*Porque é legal... tem os jogos, as atividades de escreve e de ler e não é igual na escola... aqui eu consigo fazer as coisas, as atividades de leitura.*” (M. 11 anos)

__ “*Porque eu estou aprendendo a ler e as escrever os nomes das pessoas.*” (J. 8 anos)

__ “*Porque é legal... a gente pode fazer as atividades em grupo e conversar com os colegas quando tem alguma dificuldade... algumas coisas eu não consigo fazer sozinho e aí eu peço a ajuda deles (dos colegas) e sua também.*” (D. 13 anos)

Por meio dessas respostas, é possível perceber que todas as crianças e os adolescentes que estavam participando das atividades na biblioteca a frequentavam porque gostavam das atividades que eram desenvolvidas lá. Além disso, percebi nos depoimentos, que eles estavam sempre comparando a escola que frequentavam com a biblioteca e a professora, comigo.

A minha preocupação, no entanto, era saber se eles estavam começando a perceber a importância dos livros e a sentir prazer pela leitura, ou se eles iam à biblioteca simplesmente porque era legal ou divertido, por isso comecei a investigar o gosto pela leitura.

__ Você gosta de estudar?

__ “*Eu não gosto muito de matemática, mas do resto eu gosto bastante.*” (A. 14 anos)

__ “*Antes eu gostava porque a minha professora era boazinha, mas esse ano eu não tenho vontade de ir para a escola.... eu só vou porque a minha mãe não deixa eu faltar, mas eu não gosto não.*” (F. 14 anos)

__ “ Ah... Eu gosto sim, porque na escola eu tenho um monte de amigos e a gente brinca na hora do recreio... não eu não gosto de fazer lição de casa.” (J. 8 anos)

__ “ Eu até gosto, mas eu sou burro e não aprendo as lições. A minha professora falou que eu vou repetir de ano,... A minha mãe não me ajuda, porque ela não lembra mais dessas coisas de escola,...” (M. 11 anos)

__ “Eu só gosto de educação artística e educação física, o resto eu acho muito chato,... ah, mas aqui eu gosto de ler e escrever porque é legal, não tem nota e nem reprovação.” (L. 12 anos)

__ “ Eu gosto de ler histórias de livros e escrever e desenhar elas,... mas lá na escola é diferente, porque a professora fica falando que a gente é burro se a gente erra e eu não gosto. Aqui eu gosto de estudar e fazer as lições.” (D. 13 anos)

__ Você gosta de ler? Por que?

__ “ Para não ficar burro. A minha mãe diz que quem não sabe ler não consegue arrumar emprego bom, e aí vai ser pobre o resto da vida.” (D. 13 anos)

__ “ Adoro. Porque as histórias são muito lindas e eu fico contente, porque sempre tem um final feliz.” (A. 14 anos)

__ “ Eu gosto, ... porque é importante.” (M. 11 anos)

__ “ Eu adoro ler em casa a noite, porque não tem televisão e aí eu posso ficar lendo,...” (L. 12 anos)

__ “Antes eu não gostava porque eu não sabia, mas depois que eu aprendi eu gosto e não acho tão difícil.” (F. 14 anos)

__ “ Eu gosto mais ou menos, porque a minha mãe não deixa eu brincar na rua enquanto eu não fiz a lição,... é chato ter que ficar lendo quando você não está com vontade.” (J. 8 anos)

Essas respostas demonstram uma grande influência dos pais ou familiares, pois apontaram a preocupação de fazer com que o filho perceba a importância de estudar para “ser alguém na vida.” Além disso, pude perceber que o ato da leitura ainda estava muito associado à aprendizagem, à escola e à professora. Durante o trabalho desenvolvido com essas crianças e adolescentes, observei que aqueles que tinham maiores dificuldades não gostavam de ir à escola, principalmente por causa da professora, que na maioria das vezes não sabia estimular o aprendizado do aluno,

apenas repreendia os seus erros. O prazer da leitura não existia dentro da escola, porque estava associado à obrigatoriedade, à provas e notas. Segundo Silva (1988 apud Campos, 1995, p. 68):

“...O livro nas escolas brasileiras é mero instrumento de aprovação,.. A escola não favorece, muitas vezes, um contexto agradável, afetivo, na exploração do livro...”

A prática da leitura e escrita na escola, infelizmente ainda se restringe à cópias, ditados e leitura individual. Não há produção de texto e estímulo ao uso da criatividade, o que confirma a fala do autor acima, que diz ainda que:

“... a leitura no Brasil não é uma prática social.”

Na biblioteca da Vila, eu procurei fazer justamente o contrário, pois a minha preocupação era criar um espaço com atividades constantes e atraentes, capazes de despertar o interesse das pessoas para os livros. No decorrer das atividades, pude acompanhar o progresso que as crianças e os adolescentes fizeram neste sentido, pois no início ninguém tinha o hábito ou gostava de ler, só o fazia porque as professoras mandavam, mas conforme íamos desenvolvendo as atividades relacionadas aos livros da biblioteca, eu via crescendo o prazer e o interesse pela leitura.

Nos dias em que eu não levei atividades específicas de leitura, a turma me questionou, demonstrando que sentia falta da prática da leitura. O melhor de tudo, no entanto, foi verificar o progresso que a maioria das crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, principalmente na leitura e escrita, fez no decorrer das atividades na biblioteca. Era visível que a motivação que eu procurei fazer deu resultados, porque percebia-se que a auto-estima deles já estava bem maior.

Mas, infelizmente aquilo que eu não queria, aconteceu. Devido à falta de uma pessoa que ficasse responsável pela biblioteca em outros períodos que eu não estivesse presente, o espaço criado acabou ficando restrito às crianças e aos adolescentes que já participavam das atividades com o grupo de alunas da Unicamp. Além disso, o fato de não termos estabelecido um contrato formal com o PAICA, deixava uma possibilidade muito grande de que os livros emprestados fossem

levados embora. O meu maior medo era que ao chegar ao final do meu projeto, não houvesse ninguém para dar continuidade às atividades que eu havia iniciado e que a biblioteca, que foi criada com tantas dificuldades, ficasse abandonada. Porém até os últimos dias de meu trabalho na Vila, a FEAC, que tinha se comprometido a indicar alguém, de preferência um morador da Vila, para ficar responsável pela biblioteca em alguns períodos durante a semana, não chegou a manifestar uma posição sobre a solução do problema.

Temo que com o fim do meu trabalho na Vila Lafayett Álvaro, o destino da biblioteca seja ficar fechada, abandonada como tantas outras que existem por aí.

CAPÍTULO V

O trabalho com as famílias

A necessidade de se motivar as famílias da Vila Lafayette Álvaro pela educação dos filhos foi o que me levou a procurar trazer os moradores para a biblioteca. Tomando por base a relação de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, fui de casa em casa convidando as mães ou os responsáveis, para conhecerem a biblioteca, que havia sido montada com ajuda dos meninos e meninas que participaram do trabalho com o grupo de estagiárias da Unicamp. Foi bastante difícil fazer com que eles se interessassem em ir conhecer o local, e participar de algumas reuniões cuja finalidade era discutir assuntos relacionados à educação. Somente com muita paciência e insistência, algumas mães finalmente se dispuseram a participar.

Além dessas pessoas que eu mesma convidei, pedi a ajuda das religiosas que atuam na Vila, para que outras mães ou pessoas interessadas fossem comunicadas.

Apesar dessa intenção de abrir o espaço da biblioteca para todos os moradores da Vila, somente quatro senhoras compareceram ao primeiro encontro. A intenção que eu tive em marcar essas “reuniões” no final da tarde, horário que as próprias famílias sugeriram como sendo o ideal, não fez com que mais pessoas interessadas comparecessem.

Em respeito às mães que compareceram, decidi seguir em frente, mas confesso que no início dessas atividades com as famílias, eu fiquei muito desanimada, pois eu não entendia como as famílias podiam apontar as dificuldades dos seus filhos e não se interessar em ajudá-los de alguma forma.

Na primeira reunião em que compareceram quatro mães, duas tinham filhos que estavam participando comigo das atividades na biblioteca, e as outras duas não. Infelizmente as duas últimas logo foram embora, pois segundo elas, tinham que “fazer a janta”. Apesar disso, consegui ter uma conversa muito interessante com as mães que ficaram. Elas me informaram que tinham notado melhoras no comportamento do filho e que as reclamações das professoras já não eram tão constantes. Além disso, elas estavam entusiasmadas com o interesse que os filhos vinham demonstrando pelos livros emprestados da biblioteca. Foi muito gratificante

obter essas informações, e isso só me deu mais certeza de que eu deveria continuar tentando trazer as famílias para esse espaço.

A maior dificuldade que encontrei nessa etapa do trabalho, foi ter que ir de casa em casa avisando e convidando as famílias para participarem das atividades, pois isso consumiu um tempo enorme, tempo que eu poderia estar atuando com as crianças e adolescentes. Felizmente os três encontros posteriores tiveram uma participação um pouco maior. Consegui reunir aproximadamente 9 pessoas, sendo que cinco, eram mães de crianças e adolescentes que estavam participando das atividades na biblioteca; três faziam parte do grupo de corte e costura e a última pessoa era um moço que frequentava o supletivo da Vila.

Nesses encontros falamos sobre os mais variados assuntos, mas sempre tendo como tema principal a educação. Conversamos sobre a criação da biblioteca na Vila, sobre as dificuldades de aprendizagem dos filhos, sobre os problemas das escolas, sobre a questão do trabalho infantil e principalmente sobre o papel que a família tem no processo de educação das crianças e adolescentes.

Utilizei alguns textos para mostrar para os participantes, que na família se encontra a base da educação do indivíduo e, pude perceber por meio dos depoimentos dos presentes, que essas pessoas já tinham consciência da importância que a família tem no processo de educação de seus filhos. Um exemplo disso, é a fala de uma mãe:

“ A escola ensina a ler e a escrever, mas quem forma o caráter da pessoa é a família, ... ”

Outra mãe, assim se manifestou:

“ ... a gente transmite aos filhos o que se tem, o que se recebeu, ... ”

O interessante, é o que uma outra mãe falou a esse respeito:

“ ... é a mãe que é a educadora, ... o pai, e é só presença e exemplo, ... quem forma o caráter dos filhos é a mãe, ... ”

Pelas falas desse grupo de adultos, percebi que todos tinham consciência da importância da educação na vida dos indivíduos, e segundo eles mesmos, *“quem precisava estar ali, não tinha vindo”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto realizado na Vila Lafayette Álvaro deu-me a oportunidade de entrar em contato com a prática de educação não-formal, e isso teve uma importância fundamental na minha formação acadêmica, pois colocou-me o desafio de atuar autonomamente na condução do processo educacional. Durante o trabalho que desenvolvi na Vila Lafayette Álvaro, eu era a “professora”, eu decidia como e quando atuar, eu estabelecia o cronograma e definia o planejamento das atividades, enfim, eu escolhia os caminhos a seguir. Tudo isso contribuiu de maneira especial para a minha formação enquanto futura pedagoga, pois a possibilidade de ter vivido situações como essas, me modificou e modificou meus valores. Certamente este trabalho mudou a visão que hoje eu tenho de educação e do papel do professor, dentro e fora da escola.

Para desenvolver o projeto na Vila, recorri à bibliografia existente sobre educação não-formal, e pude comprovar a impressão que eu havia sentido ao iniciar o estágio.

Segundo alguns autores, a educação não-formal possui algumas características que nos permitem identificá-la como tal: liberdade de escolha de seus conteúdos, métodos, objetivos e ao definir a natureza da mensagem que deseja transmitir, a decisão de aprender é voluntária, não havendo obrigatoriedade de frequência, sendo a atração pelo ambiente social ponto primordial; não necessita de atestados sociais como diplomas, etc. Para Afonso (op.cit):

“a educação não-formal se caracteriza por possibilitar a transformação social, dando condições aos sujeitos que participam desse processo de interferirem na história, refletindo sobre ela, questionando-a, mudando-a e transformando-a para atingir esse fim...”

De acordo com esse autor os espaços de educação não-formal, têm algumas características fundamentais:

- 1- apresentar um caráter voluntário;
- 2- promover a socialização;

- 3- promover a solidariedade;
- 4- visar a solidariedade;
- 5- visar o desenvolvimento;
- 6- preocupar-se essencialmente com a mudança social;
- 7- ser pouco formalizada e pouco hierarquizada;
- 8- favorecer a participação;
- 9- proporcionar a investigação-ação e projetos de desenvolvimento;
- 10- ser por natureza uma forma de participação descentralizada.

Com base no trabalho realizado na Vila, posso dizer que acredito que a educação não-formal oferece situações que favorecem igualmente o desenvolvimento infantil. De fato, um ambiente rico de oportunidades para as crianças conviverem, aprenderem, jogarem, brincarem e construírem conhecimentos, papéis e a si mesmas como sujeitos, cria condições para que os indivíduos evoluam e se tornem aptos a participarem da dinâmica social e a lutarem por uma sociedade mais justa.

Não esquecendo de que uma proposta educativa precisa incluir a assistência, visto que não podemos negar aquilo que é garantido às outras crianças.

“ O fato é que na ausência de uma transformação social profunda, a curto prazo, grande parcela da infância continua a ser afetada em seu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual, por situações degradantes de vida e negar, justamente a essas crianças, algo que já está garantido para as crianças da mesma idade de classe média seria, na realidade, discriminá-las ainda mais.” (Popovic, 1984 apud Campos, p. 56).

Entretanto, é necessário extrapolar o assistencialismo e implementar ações que atendam aos interesses e necessidades das pessoas de todos os segmentos. E sobretudo, que levem em conta e valorizem o conhecimento que todas as pessoas já possuem ao participar de propostas educativas dessa natureza.

A biblioteca propiciou às crianças e adolescentes da Vila uma oportunidade de interação com a cultura e com o conhecimento, o que não acontecia anteriormente naquele ambiente social.

As atividades desenvolvidas no decorrer do projeto, foram em sua maioria, coletivas, possibilitando a cooperação e houve sempre respeito às regras pelos participantes do processo.

Apesar de achar que os principais objetivos do meu trabalho foram alcançados, ficou-me uma certa frustração em não conseguir trabalhar com um número maior de famílias da Vila. A importância da família no processo de educação dos filhos só foi reconhecida e reafirmada por aqueles que já tinham essa consciência. As famílias que no início do trabalho na Vila mostraram-se muito pouco preocupadas com a questão da educação, não se dispuseram a estimular seus filhos a participarem das atividades da biblioteca e muito menos se propuseram a participar do que propusemos para as famílias, propriamente ditas.

O caminho percorrido desde o início do projeto na Vila, até o seu final, com a concepção da biblioteca, sua criação e funcionamento, foi marcado por inúmeras dificuldades e contratemplos, que somente vieram confirmar o desafio de se promover todo e qualquer processo de inovação em uma comunidade.

Porém ao chegar ao final desse trabalho, acho que os ganhos e os progressos amenizam as dificuldades, pois o prazer de ver uma criança apenas, superando os rótulos que lhe foram colocados pela escola ou pela família, transforma o sentimento de frustração e de decepção em esperança.

Este trabalho certamente não é um ponto final, mas sim um novo ponto de partida para mim e, espero, para os que puderam tirar proveito dele, na Vila.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MILANESI, Luíz. **O que é biblioteca?** 4^a edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. 107 p.

D'INCAO, Maria Ap. (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 1989. 160 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Ed. Papirus, 1986. 115 p.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1997. 160 p.

BRIOSCHI, Lucila R. e TRIGO, Maria H. B. **Família: representação e cotidiano-reflexão sobre um trabalho de campo**. São Paulo: CERU/CODAC/USP, 1989. 94 p.

MIOTO, Regina C.T.. **Educação e família**. (tese de mestrado). Campinas: Faculdade de Educação, 1989. 128 p.

CAMPOS, Nilce Maria A. S. de A. **O insucesso escolar: um estudo sobre as condições e concepções existentes nas instituições família/escola**. (tese de mestrado). Unicamp. Campinas: Faculdade de Educação, 1995. 149 p.

MARINHO, Miguel (et. al.) "Leitura: caminhos da aprendizagem". In **IDÉIAS**. São Paulo: FDE, nº 5, 1990.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Ed.

Brasiliense, 1986. 93 p.

MARTINS, José de Souza (Coord.). **O massacre dos inocentes: A criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

Revista VEJA. O trabalho dos inocentes,, ano 28, Nº 35, p. 70-80, 1995.

ANEXO

**TRANSCRIÇÃO DAS PROVAS PIAGETIANAS APLICADAS NAS
CRIANÇAS DA VILA LAFAYETTE ÁLVARO COM DIFICULDADE DE
APRENDIZAGEM**

Por: Ana Paula, Bianca e Carmem
Outubro de 1997

- . Aluno: *Maxwell*
- . Idade: *9 anos*
- . Série: *2ª série*
- . Escola: *Joaquim Ferreira Lima* Período: *tarde*
- . Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: *em português*
- . Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola:

1ª PROVA: CONSERVAÇÃO DAS QUANTIDADES DISCRETAS:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

“- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos”, ou - “Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos”.

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

“Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?” ou - “Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?”.

R: *(Max afirma que tem o mesmo tanto balançando a cabeça).*

“Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?” - “Por quê?” ou - “Como você sabe disso?”.

R: *Fica igual.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

“Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?” - “Aonde tem mais?” - “Como você sabe disso?”.

R: *Não tem o mesmo tanto, uma está junta e a outra está separada.*

Se a criança der respostas de não-conservação lembrar a equivalência inicial dizendo:

“Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?” ou - “Outro dia, um (a) menino (a) como você, me disse que nestas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas, o que você pensa disso?”

R: *Ele está errado. Nas vermelhas tem mais.*

3) Repetir o procedimento do item (1).

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: *Tem mais fichas na fila vermelha porque ela é maior.*

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

“Você tem certeza que estão iguais?” - “Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?”

R: *(A criança conta as fichas colocadas e põe a mesma quantidade) Tem o mesmo tanto.*

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?" - "Como você sabe disso?"

R: *Não tem o menos tanto. Aqui tem mais ó (a criança aponta para o círculo onde as bolinhas estão mais espaçadas).*

RESULTADO: Maxwell não possui a noção de conservação de quantidades discretas, quando admite que a quantidade de um dos conjuntos aumenta ou diminui se a configuração espacial de seus elementos for modificada.

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?"

R: *Tem ó, tá igualzinho.*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *A gente ganha igual.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *No copo alto. Porque ele é bem maior.*

Contra-argumentação: Se a criança demonstrar que não possui a noção de conservação, dizer:

"Outro dia, eu estava brincando com um (A) menino (A) que tem a sua idade, e ele me disse que nestes dois copos tem a mesma quantidade de água, porque a gente não pôs e nem tirou. Você acha que aquele menino (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?"

R: *O menino está errado. No mais alto tem mais água porque é mais alto, é mais grande.*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?"

R: *Tá igual. Eu ganho mais porque meu copo é grande.*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?"

R: *Nesse (aponta para A). O outro é pequeno.*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: *O menino está certo porque tem o mesmo tanto de água.*

5) Transvasar a água de (A) para 5 copinhos bem pequenos e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água, neste copo (A) ou em todos estes juntos?"

R: *Neste aqui (aponta para A). Cabe mais água nele porque ele é maior que estes daí.*

RESULTADO: A criança está na fase intermediária porque admite a conservação da quantidade em alguns transvasamentos e nega em outros.

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA SUBSTÂNCIA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R: *A criança balança a cabeça em tom de afirmação. Tem, tenho.*

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?"

R: *Ganha igual.*

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Na salsicha tem mais, porque olha só, ela é mais comprida.*

Contra-argumentação: Se a criança der respostas de não-conservação, dizer:

"Será que aqui (na salsicha) tem mais massa mesmo, ela está tão fininha! " ou "Um (A) menino (A) me disse que nos dois tem a mesma massa porque não se pôs nem tirou. O que você acha? Este (A) menino (A) está certo (A) ou não?"

R: *Ele está certo, porque não colocou mais.*

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

R: *As bolinhas são iguais.*

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o procedimento do item 2)

R: *Na salsicha porque ela é maior.*

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

R: *Na bolona tem mais, ela é mais gorda.*

Contra-argumentação: *(a criança ri e reafirma que o menino tem razão)*

RESULTADO: Está na fase de transição porque admitiu a conservação da massa em algumas situações e a negou em outras.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R: *Flores.*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *Margarida e rosa.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:
"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *É flor.*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?"

R: *Rosas e margaridas.*

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? Ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais rosas. Porque tem mais, é só contar.*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

(*A criança afirma que tem mais rosas que flores durante toda a prova*)

RESULTADO: A criança não possui a noção de inclusão de classes ou de classificação operatória porque afirmou nos itens 4 e 5 que haviam mais rosas que flores.

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:

"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena. Se a criança fizer uma escada sem base comum, sugerir:

"Você não poderia fazer sua escadinha mais bonita?"

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

R: *Eu fui pegando e a escada saiu assim (ele não quis mexer nenhum bastonete de lugar afirmando que sua escada estava boa)*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

A criança montou uma escada sem ordem, onde a disposição dos bastonetes não seguiu uma sequência lógica.

■ Nenhum ensaio de seriação

□ Pequenas séries

□ Tentativa de seriação ou seriação assistemática

□ Êxito sistemático

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque é pequeno.*

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque eu quis (responde de forma bastante tímida).*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

(*A criança foi pegando os bastonetes e encaixando-os na prancha sem uma ordem lógica. Não*

apresentava firmeza para dizer o porquê das posições que encaixava os bastonetes.)

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaios infrutíferos
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

RESULTADO: Maxwell não possui a noção de seriação operatória pois não teve êxito na construção da série e na intercalação.

. Aluno: *David*

. Idade: *11 anos*

. Série: *3ª série*

. Escola: *Lourenço Bellochio*

Período: *tarde*

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: *indisciplina, hiperatividade e assiduidade insatisfatória.*

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola: *Problemas de indisciplina e assiduidade insatisfatória.*

1ª PROVA: CONSERVAÇÃO DAS QUANTIDADES DISCRETAS:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

"- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos", ou - "Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos".

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo.

Depois apresentar as seguintes questões:

"Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?" ou - "Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?".

R: *Primeiramente a criança afirma que não tem o mesmo tanto porque uma de minhas fichas é maior. Para que ele diga que tem o mesmo tanto, escolhe uma outra ficha para colocar no lugar daquela e só depois afirma ter a mesma quantidade de fichas nas duas fileiras.*

"Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?" - "Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R: *Dá igual, tem o mesmo tanto.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

"Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?" - "Aonde tem mais?" - "Como você sabe disso?".

R: *Não tem o mesmo tanto.*

Se a criança der respostas de não-conservação lembrar a equivalência inicial dizendo:

"Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?" ou - "Outro dia, um (a) menino (a) como você, me disse que nestas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas, o que você pensa disso?"

R: *A criança concorda com o menino.*

3) Repetir o procedimento do item (1).

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: *Não tem o mesmo tanto.*

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?" - "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R: *A criança monta seu círculo de fichas e afirma que os dois tem o mesmo tanto de fichas.*

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?" - "Como você sabe disso?"

R: *Sim, tem o mesmo tanto. Aqui, apontando para o círculo menor, tá mais junto.*

RESULTADO: A criança está no estágio de transição porque algumas vezes deu respostas de conservação e outras vezes de não conservação.

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?"

R: *Sim, olha só com está igual!*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *Ganhamos igual.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Neste (aponta para B), porque cabe mais água.*

Contra-argumentação: Se a criança demonstrar que não possui a noção de conservação, dizer:

"Outro dia, eu estava brincando com um (A) menino (A) que tem a sua idade, e ele me disse que nestes dois copos tem a mesma quantidade de água, porque a gente não pôs e nem tirou. Você acha que aquele menino (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?"

R: *O menino tá. Sei lá.*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?"

R: *Está igual.*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem o mesmo tanto (a criança não soube explicar o porquê mesmo depois de ser indagada várias vezes.)*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: *A criança diz que o menino está errado, alegando que um copo é maior que o outro.*

5) Tranvasar a água de (A) para 5 copinhos pequenos e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água, neste copo (A) ou em todos estes juntos?"

R: *Tem o mesmo tanto porque só mudaram os copos.*

RESULTADO: A criança está em transição ou na fase intermediária porque admitiu a conservação da quantidade em alguns transvasamentos e negou outros.

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA SUBSTÂNCIA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R: *Primeiramente admitiu que as bolinhas não eram iguais, mas fez com que elas ficassem idênticas.*

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?"

R: *Temos bolinhas iguais porque são do mesmo tamanho.*

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *A salsicha tem mais massa porque é mais comprida.*

Contra-argumentação: Se a criança der respostas de não-conservação, dizer:

"Será que aqui (na salsicha) tem mais massa mesmo, ela está tão fininha!" ou "Um(A) menino (A) me disse que nos dois tem a mesma massa porque não se pôs nem tirou. O que você acha? Este (A) menino (A) está certo (A) ou não?"

R: *O menino está certo, porque tem o mesmo tanto de massa.*

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

R: *Tem o mesmo tanto de massa nas duas bolinhas.*

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o procedimento do item 2)

R: *Tem a mesma quantidade de massa.*

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

R: *Tem a mesma quantidade. Após a contra-argumentação, a criança manteve sua resposta alegando ter a mesma quantidade de massa nas bolinhas juntas e na bolinha grande.*

RESULTADO: A criança está na fase de transição quando admite a conservação de massa em algumas situações e nega em outras.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R: *Flores.*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *Rosa e margarida.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:
"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *É tudo flor.*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?"

R: *Rosa, margarida,....flores!*

4) Dar prosseguimento perguntando: "Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? "Ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais rosas (tem três flores e cinco rosas)*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

David respondeu que havia mais margaridas, porque elas eram duas e flores era apenas uma.

Contra-argumentação: Sugerimos que David pegasse todas as flores e em seguida colocasse todas na mesa. Pedimos para que ele apanhasse todas as rosas e ele cumpriu esta tarefa corretamente. Executada a tarefa, sugerimos que colocasse as rosas junto com as margaridas e perguntamos: "Aqui há mais rosas ou mais flores? Por quê?"

R: David confirmou suas respostas anteriores dizendo ter mais rosas do que flores, porque elas estavam em maior número.

RESULTADO: David não possui a noção de inclusão de classes ou de classificação operatória porque respondeu que há "mais rosas do que flores"

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:
"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena:

David juntou todos os bastonetes na mão e os mediu. Formou uma escada ordenada.

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

R: *Ah tia, eu fui pegando do pequeno pro mais grande.*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

Nenhum ensaio de seriação

Pequenas séries

Tentativa de seriação ou seriação assistemática

Êxito sistemático

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: Porque é mais pequeno (David responde com segurança, mostrando que sua resposta é óbvia)

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque ele é mais grande que todos os outros ué.*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

David coloca o bastonete no lugar correto e encaixa o restante, com êxito.

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaios infrutíferos
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

"Agora é a minha vez de fazer a escada. Você vai me dar os bastonetes um após o outro como eu devo colocá-los, para que minha escada fique tão bonita quanto a sua. Você deverá encontrar um meio de entregá-los na ordem certa."

À medida que a criança for entregando cada bastonete, perguntar:

"Por que você me deu este? Como ele é perto dos outros que estão com você? Como ele é, perto dos que estão comigo?"

R: David juntou novamente os bastonetes na mão e medindo, deu à estagiária todos os bastonetes numa seqüência crescente. Respondeu logicamente as perguntas sem editar nas respostas.

Anotar o desempenho da criança na construção da série com o anteparo.

- Nenhum ensaio
- Ensaios infrutíferos
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

RESULTADO: David possui a noção de seriação operatória uma vez que obteve êxito sistemático nas três fases: construção da série, intercalação e contra-prova. Além disso, David compreende que qualquer um dos elementos medianos da série é ao mesmo tempo maior do que os antecede e menor do que os sucedem.

. Aluno: Ana Paula

. Idade: 13 anos

. Série: 5ª série

. Escola: EEPG Prof. Joaquim Ferreira Lima

Período: tarde

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: dificuldade não especificada.

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola: -----

1ª Prova: Conservação das Quantidades Discretas:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

"- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de

suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos", ou - "Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos".

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

"Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?" ou - "Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?".
R: Ana Paula colocou o mesmo tanto de fichas e confirmou que as duas fileiras eram realmente iguais.

"Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?" - "Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R: *Elas vão ficar iguais porque as filas tem o mesmo tanto de fichas.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

"Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?" - "Aonde tem mais?" - "Como você sabe disso?".

R: Ana Paula respondeu de forma convicta que a estagiária somente modificou o espaço entre as fichas.

Se a criança der respostas de conservação, chamar sua atenção para a configuração espacial das fileiras, dizendo:

"Olha com esta fila é comprida, será que aqui não tem mais fichas?"

R: Ana Paula manteve a resposta anterior.

3) Repetir o procedimento do item (1).

R: A criança continuou dando respostas de conservação.

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: idem ao item 3.

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?"- "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R: *Tem o mesmo tanto, só que este círculo está mais espremido e aquele tá mais largo.*

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?"
- "Como você sabe disso?"

R: *Sim, é só contar. Eu tirei nenhuma ficha daí.*

RESULTADO: Ana Paula possui a noção de conservação de quantidades discretas quando fez a correspondência termo a termo e afirmou a igualdade das quantidades. Ela compreende que dois conjuntos são equivalentes mesmo que a disposição de seus elementos seja modificada.

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água

nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?"

R: *Tem a mesma quantidade ó, tá igualzinho.*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *Ganhamos igual, os dois copos tem o mesmo tanto.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou -

"Como você sabe disso?"

R: *Continua tendo o mesmo tanto, só que este (B) é mais comprido.*

Se a criança demonstrar que possui a noção de conservação dizer:

"Outro dia eu fiz esta brincadeira com um (A) menino (A) do seu tamanho e ele (A) me disse que neste copo (B) havia mais água. Por que nele a água estava mais alta! O que você acha deste (A) menino (A), ele (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?"

R: *O menino está errado porque você não tirou nem pôs água. Este (B) é mais alto mais é mais fino, o outro é baixo mais é gordo (A).*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?"

R: *Continua tudo igual.*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?"

R: *Continua tendo o mesmo tanto, você só tirou de um copo e pôs em outro.*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: Ana Paula mantém suas respostas apresentando convicção.

RESULTADO: Ana Paula possui a noção de conservação do líquido ao afirmar que nos copos A e B e A e C tem a mesma quantidade de água e para justificar suas afirmações apresentou os seguintes argumentos: identidade (tem a mesma quantidade de água porque não se pôs nem tirou) e reversibilidade por reciprocidade (tem a mesma quantidade porque este copo "B" é estreito e o outro "A" é mais largo).

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA SUBSTÂNCIA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R: *São iguais.*

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?"

R: *Ganhamos iguais.*

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou -

"Como você sabe disso?"

R: *Tem o mais na bolona, ela é mais larga.*

Contra-argumentação (apresentamos o argumento do menino):

Ana Paula concordou com o argumento do menino dizendo que havia a mesma quantidade.

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

R: As respostas da contra-argumentação se mantiveram.

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o

procedimento do item 2)

R: *São iguais porque tem a mesma quantidade, só o formato que mudou.*

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande

ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4. Ana Paula respondeu: *Tem mais aqui (aponta para as bolinhas) porque tem mais bolinhas.*

Contra-argumentação: Ana Paula concorda que tem o mesmo tanto.

RESULTADO: Ana Paula está na fase de transição ao admitir a conservação da massa em algumas situações e as negar em outras.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R: *Cinco rosas e três margaridas.*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *É rosa. É margarida.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:

"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *Flor.*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?".

R: *Cinco rosas e três margaridas.*

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? Ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais rosas, são cinco.*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

R: *Tem mais margaridas.*

Contra-argumentação: Ana Paula concorda com o menino dizendo que tudo realmente são flores.

RESULTADO: Ana Paula está na fase de transição uma vez que só fez a inclusão de classes após as contra-argumentações.

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:
"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Ana Paula construiu sua escada corretamente através de ensaio e erro.

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

R: *Ah, eu fui colocando do menor para o maior.*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

- Nenhum ensaio de seriação
- Pequenas séries
- Tentativa de seriação ou seriação assistemática
- Êxito sistemático

Observação:

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque ele é o menor.*

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Por que aqui é o lugar dele, o maior de todos.*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

R: *Aqui ó. (Ana Paula coloca corretamente os bastonetes).*

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

Contra-argumentação (prova com anteparo):

"Por que você me deu este? Como ele é perto dos outros que estão com você? Como ele é, perto dos que estão comigo?"

R: *Ana Paula começou do menor para o maior e obteve êxito na construção da escada com anteparo.*

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial

■ Êxito por intercalação

RESULTADO: Ana Paula possui a noção pois obteve êxito sistemático na construção da série na intercalação e na contra-prova.

. Aluno: Jonathan

. Idade: 7 anos

. Série: 1ª série

. Escola:EMPG Lourenço Bellochio

Período: tarde

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: Não acompanha o ritmo da turma.

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola:Problemas familiares (seu pai está preso).

1ª PROVA: CONSERVAÇÃO DAS QUANTIDADES DISCRETAS:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

"- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos", ou - "Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos".

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

"Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?" ou - "Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?".

R: Jonathan colocou uma ficha a menos, mas afirmou ter o mesmo tanto. Quando a estagiária perguntou novamente se havia o mesmo tanto, Jonathan contou e negou, acrescentando mais uma ficha a sua fileira.

"Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?" - "Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R: *Fica igual. Porque eu sei.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

"Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?" - "Aonde tem mais?" - "Como você sabe disso?".

R: *Não tem o mesmo tanto porque essa fechou (aponta para a fileira encolhida).*

Se a criança der respostas de não-conservação lembrar a equivalência inicial dizendo:

"Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?" ou - "Outro dia, um (a) menino (a) como você, me disse que nestas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas, o que você pensa disso?"

R: *É... tem o mesmo tanto.*

3) Repetir o procedimento do item (1).

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: *Nesta tem mais porque está mais comprida (aponta para a fileira na qual as fichas estão mais espaçadas).*

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?"- "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R:*São iguais.*

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?" - "Como você sabe disso?"

R: *Não são iguais, aqui está fechado (aponta para o círculo onde as fichas estão mais juntinhas)*

Contra-argumentação: Jonathan disse que o menino está certo porque a estagiária pegou mais fichas.

RESULTADO: Jonathan não possui a noção de conservação de quantidades discretas quando admite que a quantidade de um dos conjuntos aumenta ou diminui se a configuração espacial de seus elementos for modificada.

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?"

R: *Está igual, tem o mesmo tanto de água.*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *Nós dois porque tem o mesmo tanto.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Não tem o mesmo tanto. No alto tem mais, porque o copo é alto e este é baixo.*

Contra-argumentação: Se a criança demonstrar que não possui a noção de conservação, dizer:

"Outro dia, eu estava brincando com um (A) menino (A) que tem a sua idade, e ele me disse que nestes dois copos tem a mesma quantidade de água, porque a gente não pôs e nem tirou. Você acha que aquele menino (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?"

R: *O menino está certo porque a tia não pôs nem tirou.*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?"

R: *Estão iguais, nós dois ganhamos o mesmo tanto porque nos dois copos tem o mesmo tanto.*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?"

R: *Neste (aponta para o copo A). Aquele outro é muito baixo.*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: *O menino está certo porque tem o mesmo tanto, não tirou nenhuma água.*

RESULTADO: Jonathan está na fase intermediária uma vez que admitiu a conservação da quantidade em alguns transvasamentos e negou em outros.

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA MASSA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de

2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R: Jonathan balança a cabeça afirmando que sim.

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?"

R: *Eu. Porque esta aqui tem menos.* (peço a Jonathan que deixe as duas bolinhas iguais).

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Na salsicha. Porque já vi meu pai fazendo.*

Contra-argumentação: Se a criança der respostas de não-conservação, dizer:

"Será que aqui (na salsicha) tem mais massa mesmo, ela está tão fininha!" ou "Um(A) menino (A) me disse que nos dois tem a mesma massa porque não se pôs nem tirou. O que você acha? Este (A) menino (A) está certo (A) ou não?"

R: *Errado. Porque sim.*

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

R: *Tem o mesmo tanto.*

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o procedimento do item 2)

R: *Tem o mesmo tanto porque a tia não catou mais massa.*

Contra-argumentação: Jonathan diz que o menino está certo. *A torre é grande e a bolinha é pequena.*

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

R: *Não tem o mesmo tanto. Tem mais nesta aqui (aponta para a bola grande) porque ela é maior.*

Contra-argumentação: Jonathan diz que o menino está certo, que tem o mesmo tanto de massa nas bolinhas pequenas juntas e na bola maior.

RESULTADO: Jonathan está na fase de transição porque admite a conservação da massa em algumas situações e a nega em outras.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R: *Flor.*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *Rosa e margarida.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:

"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *É tudo flor.*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?"

R: *Rosa e margarida.*

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? "Ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais flores, porque as flores tem mais. Porque a minha mãe compra.*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

R: *Tem mais margarida.* (repeti a pergunta e Jonathan mudou sua resposta, dizendo: *Tem mais flor porque só tem uma rosa*).

Contra-argumentação: Jonathan disse que o menino está certo porque afirma ser todas flores.

RESULTADO: Jonathan está na fase de transição por fazer a inclusão de classes em algumas situações e em outras não.

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:

"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena. Se a criança fizer uma escada sem base comum, sugerir:

"Você não poderia fazer sua escadinha mais bonita?"

Jonathan construiu sua escada sem obedecer uma sequência lógica. Pedi para que ele melhorasse e ele disse que não era necessário.

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Por que você colocou este bastonete aqui?"

R: *Para formar uma escada.*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

■ Nenhum ensaio de seriação

□ Pequenas séries

□ Tentativa de seriação ou seriação assistemática

□ Êxito sistemático

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Para formar uma escada.*

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Para formar uma escada.*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

Jonathan aponta para um lugar onde gostaria que colocar o bastonete, mas não cumpre uma sequência lógica nesta intercalação.

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu

desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaios infrutíferos
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

RESULTADO: Jonathan não possui a noção de seriação operatória pois não teve êxito na construção da série e na intercalação.

. Aluno: Luciana

. Idade: 12 anos

. Série: 5ª série

. Escola: EMPG Lourenço Bellochio.

Período: tarde

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: em matemática.

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola: -----

1ª Prova: Conservação das Quantidades Discretas:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

“- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos”, ou - “Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos”.

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

“Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?” ou - “Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?”.

R: Luciana conta as fichas e corresponde termo a termo. Diz ter certeza que nas duas fileiras havia o mesmo tanto de fichas.

“Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?” - “Por quê?” ou - “Como você sabe disso?”.

R: *As duas ficariam iguais. Tem o mesmo tanto.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

“Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?” - “Aonde tem mais?” - “Como você sabe disso?”.

R: *Tem o mesmo tanto. Não pôs nem tirou,...*

Se a criança der respostas de conservação, chamar sua atenção para a configuração espacial das fileiras, dizendo:

“Olha com esta fila é comprida, será que aqui não tem mais fichas?”

R: *Esta está junta e aquela separada..*

3) Repetir o procedimento do item (1).

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: *Continua tendo o mesmo tanto (ao fazer a contra-argumentação Luciana diz que o menino está errado*

porque tem o mesmo tanto)

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?"- "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R: Luciana afirma com convicção que nos dois círculos a quantidade de fichas permanece a mesma.

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

- "Como você sabe disso?" "Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?"

R: *Continua tendo o mesmo tanto, é só contar.*

RESULTADO: Luciana possui a noção de conservação de quantidades discretas. Apresenta argumentos lógicos para as suas afirmações, por exemplo: "tem a mesma quantidade de fichas porque aqui você só espalhou. Não pusemos e nem tiramos, então é a mesma quantidade".

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?".

R: *Sim, está certinho os dois copos.*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *A gente ganha o mesmo tanto.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R: *Não mudou. A Dona não colocou mais água..*

Se a criança demonstrar que possui a noção de conservação dizer:

"Outro dia eu fiz esta brincadeira com um (A) menino (A) do seu tamanho e ele (A) me disse que neste copo (B) havia mais água. Por que nele a água estava mais alta! O que você acha deste (A) menino (A), ele (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?".

R: *A menina está errada. O tanto de água continua o mesmo, só que este é um pouco mais alto (aponta para o copo B).*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?".

R: *Igual na outra vez, a gente vai ganhar a mesma coisa..*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?".

R: *A quantidade é igual ainda, só que tem um copo que é mais baixo.*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: *Luciana afirma mais uma vez que a menina está errada e mantém suas respostas.*

RESULTADO: Luciana tem a noção de conservação do líquido porque apresenta justificativas para suas respostas com base em argumentos que comprovam a identidade.

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA MASSA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

“Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?”

R: *Tenho, elas estão iguais.*

“Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?”

R: *A gente ganha igual Dona.*

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

“E agora, onde tem mais massa? Por quê?” ou -

“Como você sabe disso?”

R: *Ainda tem o mesmo tanto.*

Contra-argumentação: Luciana disse que a menina estava errada porque somente a forma mudou.

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

“E agora, onde tem mais massa?” (seguir o procedimento do item 2)

R: *Nos dois tem o mesmo tanto, só mudou a forma, novamente.*

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

“E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?”

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

R: *Luciana ri e responde que as bolinhas tem o mesmo tanto que a bolona, só que as bolinhas estão separadas.*

RESULTADO: Luciana tem a noção de conservação da substância uma vez que admitiu que as bolinhas transformadas continuam tendo a mesma quantidade de massa.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

“O que é tudo isto?”

R: *Quatro rosas e, ... como chama mesmo? Ah! Uma margarida!*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *Rosa.. Margarida.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:

"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *É tudo flor.*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?"

R: *Flores. Rosas e esta margarida.*

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? Ou "Como você sabe disso?

R: *Tem mais rosas, só que a margarida também é flor então acaba tendo mais flores, porque conta tudo.*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

Luciana apresentou o mesmo raciocínio.

RESULTADO: Luciana apresentou a noção de classificação operatória quando respondeu que há mais flores porque todas (rosas e margaridas) são flores.

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:

"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena.

Luciana vai medindo os bastonetes para montar a escada e obtém êxito.

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

R: *Comecei por este (aponta o menor) e fui aumentando de tamanho.*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

Nenhum ensaio de seriação

Pequenas séries

Tentativa de seriação ou seriação assistemática

Êxito sistemático

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque ele é o menor.*

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque é maior que todos.*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

Luciana foi colocando os bastonetes na prancha, um a um, testando-os para escolher os lugares adequados para cada um deles.

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

3. Contra-Prova

Se a criança não teve êxito na construção da série e na intercalação, colocar um anteparo que lhe impeça de ver o que a estagiária fará por trás dele, dizendo:

"Agora é a minha vez de fazer a escada. Você vai me dar os bastonetes um após o outro como eu devo colocá-los, para que minha escada fique tão bonita quanto a sua. Você deverá encontrar um meio de entregá-los na ordem certa."

À medida que a criança for entregando cada bastonete, perguntar:

"Por que você me deu este? Como ele é perto dos outros que estão com você? Como ele é, perto dos que estão comigo?"

R: Luciana mexe os ombros para cima e para baixo, sem saber explicar sua conduta.

Anotar o desempenho da criança na construção da série com o anteparo.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

RESULTADO: Luciana está no estágio de transição porque acertou a construção da série e a intercalação mas não obteve êxito na contra-prova.

. Aluno: Fabiana

. Idade: 14 anos

. Série: 4ª série

. Escola: EEPG Prof. Joaquim Ferreira Lima

Período: tarde

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família: indisciplina.

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola:

1ª Prova: Conservação das Quantidades Discretas:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

"- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com

as azuis, nem mais nem menos", ou - "Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos".

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

"Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?" ou - "Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?".

R: *Tem Dona.*

"Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?" - "Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R: *Fica igual porque tem o mesmo tanto de peças.*

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

"Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?" - "Aonde tem mais?" - "Como você sabe disso?".

R: *Não. Tem mais nessa, porque a Dona não juntou (aponta para a fila onde as fichas estão mais espaçadas).*

Se a criança der respostas de não-conservação lembrar a equivalência inicial dizendo:

"Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?" ou - "Outro dia, um (a) menino (a) como você, me disse que nestas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas, o que você pensa disso?"

R: *A menina está certa porque não tirou nenhuma peça.*

3) Repetir o procedimento do item (1).

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R: *Tem mais ficha nessa (aponta novamente para a fila mais comprida).*

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?" - "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R: *Sim, tem Dona!*

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?" - "Como você sabe disso?"

R: *Aqui tem mais fichas porque a senhora juntou (aponta para o círculo mais aberto).*

"Ah, então aqui tem mais (aponto para o círculo mais aberto)?"

R: *Não, tem a mesma quantidade.*

RESULTADO: Fabiana está no estágio de transição por dar algumas respostas de conservação e outras não.

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?".

R: *Tem Dona.*

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R: *Ganha igual Dona.*

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais nesse Dona (aponta para B, o copo mais comprido).*

Contra-argumentação: Se a criança demonstrar que não possui a noção de conservação, dizer:

"Outro dia, eu estava brincando com um (A) menino (A) que tem a sua idade, e ele me disse que nestes dois copos tem a mesma quantidade de água, porque a gente não pôs e nem tirou. Você acha que aquele menino (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?"

R: *A menina tá certa porque a Dona não ponhô mais água.*

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?"

R: *Tá igual Dona.*

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?"

R: *Nesse (aponta para A) Dona, o outro é baixo!*

Contra-argumentação igual a do item 2.

R: *Fabiana concorda com a menina indo contra sua resposta anterior.*

RESULTADO: Fabiana está na fase intermediária pois admitiu a conservação de quantidade em alguns transvasamentos e negou em outros.

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA MASSA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R: *Sim, tem o mesmo tanto.*

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?"

R: *Ganha igual Dona.*

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?"

R: *Na bola tem mais massa, porque eu sei Dona!*

Contra-argumentação: Se a criança der respostas de não-conservação, dizer:

"Será que aqui (na bola) tem mais massa mesmo? Um (A) menino (A) me disse que nos dois tem a mesma massa porque não se pôs nem tirou. O que você acha? Este (A) menino (A) está certo (A) ou não?"

R: *Ela tá certa, a Dona não pôs nem tirou a massa.*

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então

perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o procedimento do item 2)

R: *Na bola tem mais massa porque está mais gordinha.*

Contra-argumentação: Fabiana concorda com a menina dizendo não ter tirado nenhuma quantidade de massa das duas formas.

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

R: *Tem a mesma quantidade porque se juntar as pequenas ela fica igual a bolona inteira.*

RESULTADO: Fabiana está em transição porque admitiu a conservação da substância em algumas situações e as negou em outras.

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R: *Planta.*

Se a criança não souber perguntar: "Você conhece outras flores?"

R: *Tem uma bonita que chama girassol.*

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R: *Margarida, rosa.*

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:

"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R: *Planta.*

"Mas que tipo de planta elas são?"

R: *Ué, flor Dona!*

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?"

R: *As flor, a margaridas e as rosa.*

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? Ou "Como você sabe disso?"

R: *Tem mais rosas.*

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

Fabiana disse ter mais margaridas.

Contra-argumentação: Fabiana disse a menina estava certa, ou seja, todas, rosas e margaridas, são flores.

RESULTADO: Fabiana não possui a noção de inclusão de classes porque respondeu que há mais margaridas do que flores.

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:

"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma

bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena.

Fabiana junta todos os bastonetes na mão, demora muito tempo para montar a escada mas acaba obtendo êxito.

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

R: *Do mais pequeno pro mais grande.*

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

- Nenhum ensaio de seriação
- Pequenas séries
- Tentativa de seriação ou seriação assistemática
- Êxito sistemático

Observação:

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque é o mais pequeno. (corrijo dizendo ser o menor)*

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R: *Porque é o mais grande de todos.*

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

Observação: Fabiana intercala sem ordem lógica.

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

RESULTADO: Fabiana está na fase de transição porque obteve êxito na construção da série, mas não obteve êxito na intercalação.

TRANSCRIÇÃO DAS PROVAS PIAGETIANAS APLICADAS NAS CRIANÇAS DA
VILA LAFAYETTE ÁLVARO COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Por: Ana Paula, Bianca e Carmem

Outubro de 1997

. Aluno:

. Idade:

. Série:

. Escola:

Período:

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Família:

. Dificuldade de Aprendizagem apontada pela Escola:

1ª Prova: Conservação das Quantidades Discretas:

1) Dispor sobre a mesa 6 a 8 fichas azuis, alinhando-as, e pedir à criança que faça outra fileira igual com as fichas vermelhas, dizendo:

"- Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos", ou - "Faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto de fichas nem mais nem menos".

Anotar o desempenho da criança e se necessário dispor as fichas azuis e vermelhas em

correspondência termo a termo. Depois apresentar as seguintes questões:

"Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?" ou - "Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?".

R:

"Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?" - "Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R:

2) Fazer uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, espaçando-as ou unindo-as, de modo que uma fique mais comprida do que a outra, a seguir perguntar:

"Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?" - "Aonde tem mais?" - "Como você sabe disso?".

R:

Se a criança der respostas de conservação, chamar sua atenção para a configuração espacial das fileiras, dizendo:

"Olha com esta fila é comprida, será que aqui não tem mais fichas?"

R:

Se a criança der respostas de não-conservação lembrar a equivalência inicial dizendo:

"Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?" ou - "Outro dia, um (a) menino (a) como você, me disse que nestas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas, o que você pensa disso?"

R:

3) Repetir o procedimento do item (1).

R:

4) Repetir o procedimento do item (2), modificando a disposição das fichas.

R:

5) Fazer um círculo com as fichas azuis e pedir a criança que faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.

Anotar o desempenho da criança e depois perguntar:

"Você tem certeza que estão iguais?" - "Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?"

R:

6) Juntar as fichas de um dos círculos e perguntar:

"Há o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas?" - "Como você sabe disso?"

R:

RESULTADO:

2ª PROVA: CONSERVAÇÃO DO LÍQUIDO:

Inicialmente a Estagiária conversa com a criança e a convida para brincar ou fazer um joguinho. Estando a criança interessada na brincadeira a Estagiária diz:

"Vou colocar água nestes dois copos (A e A'), quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!".

1) Colocar a água mais ou menos na metade dos copos e perguntar:

"Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?".

R:

"Se você ganhar a água deste copo (A) e eu ganhar a água deste (A'), qual de nós dois ganha mais água? Por quê?"

R:

2) Transvasar a água de A para B e depois perguntar:

"E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R:

Contra-argumentação: Se a criança demonstrar que não possui a noção de conservação, dizer:

"Outro dia, eu estava brincando com um (A) menino (A) que tem a sua idade, e ele me disse que nestes dois copos tem a mesma quantidade de água, porque a gente não pôs e nem tirou. Você acha que aquele menino (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?".

R:

Se a criança demonstrar que possui a noção de conservação dizer:

"Outro dia eu fiz esta brincadeira com um (A) menino (A) do seu tamanho e ele (A) me disse que neste copo (B) havia mais água. Por que nele a água estava mais alta! O que você acha deste (A) menino (A), ele (A) estava certo (A) ou errado (A)? Por quê?".

R:

3) Transvasar a água de B para A, mostra à criança os copos A e A' perguntando:

"E agora, onde tem mais água?" E depois: "Se eu ganhar esta água (A) e você esta (B) quem ganha mais, eu ou você? Por quê?".

R:

4) Transvasar a água de A para C e depois perguntar: "E agora, onde tem mais água? Por quê?" ou "Como você sabe disso?".

R:

Contra-argumentação igual a do item 2.

R:

RESULTADO:

3ª PROVA: CONSERVAÇÃO DA MASSA:

1) Convidar a criança para brincar com massa de modelar. Apresentar-lhe então duas bolinhas de massa idênticas de 2 a 3 cm de diâmetro e perguntar:

"Estas duas bolinhas são iguais? Elas tem a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa? Você tem certeza?"

R:

"Se eu der esta bolinha para você e ficar com esta para mim, qual de nós ganha a bola que tem mais massa? Por quê?".

R:

2) Transformar uma das bolinhas em rolinho ou salsicha e colocando-as horizontalmente na mesa, perguntar:

"E agora, onde tem mais massa? Por quê?" ou - "Como você sabe disso?".

R:

Contra-argumentação: Se a criança der respostas de não-conservação, dizer:

"Será que aqui (na salsicha) tem mais massa mesmo, ela está tão fininha!" ou "Um(A) menino (A) me disse que nos dois tem a mesma massa porque não se pôs nem tirou. O que você acha? Este (A) menino (A) está certo (A) ou não?"

Se a criança der respostas de conservação, contra-argumentar com afirmações de não conservação.

R:

3) Transformar o rolinho em bolinha novamente e proceder da mesma maneira que o item 1.

R:

4) Transformar a bolinha em rolinho colocando-o verticalmente sobre a mesa e então perguntar:

"E agora, onde tem mais massa?" (seguir o procedimento do item 2)

R:

5) Transformar o rolinho ou salsicha em bolinha novamente e seguir o procedimento do item 1.

6) Dividir uma das bolinhas em quatro ou cinco pedaços iguais, fazendo com eles, bolinhas menores, a seguir perguntar:

"E agora, onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas?"

Continuar seguindo os procedimentos dos itens 2 e 4.

RESULTADO:

4ª PROVA: INCLUSÃO DE CLASSES:

1) Depois de uma conversa inicial com a criança afim de deixá-la a vontade, apresentar-lhe as sete flores perguntando:

"O que é tudo isto?"

R:

Se a criança não souber, dizer:

"Você conhece outras flores? Quais?"

R:

2) Pegar uma flor de cada vez e perguntar à criança: "O que é isto?"

R:

Se a criança responder: "É uma flor", perguntar: "Qual é o nome dela?"

R:

Se a criança responder "É uma rosa" ou "É uma margarida", perguntar:

"O que a rosa (ou a margarida) é?"

R:

3) "O que você está vendo aqui sobre a mesa?".

R:

Se a criança disser: "Flores", perguntar, apontando para as rosas: "Estas como se chamam? E estas? (apontando as margaridas)".

R:

•

4) Dar prosseguimento perguntando:

"Aqui na mesa tem mais rosas ou tem mais flores? Por quê? "Ou "Como você sabe disso?"

R:

5) Apresentar duas margaridas e uma rosa e proceder da mesma maneira que nos itens 2, 3 e 4.

RESULTADO:

5ª PROVA: SERIAÇÃO DE BASTONETES:

. Construção da série

1) Convidar a criança para fazer um jogo ou uma brincadeira. Apresentar-lhe os bastonetes dizendo:
"Estes pauzinhos chamam-se bastonetes. Você vai pegar estes bastonetes e fazer com eles uma bonita escada colocando-os bem em ordem, um ao lado do outro".

Observar e anotar como a criança escolhe os bastonetes e os ordena. Se a criança fizer uma escada sem base comum, sugerir:

"Você não poderia fazer sua escadinha mais bonita?"

Quando a criança terminar, perguntar-lhe:

"Como você fez para escolher os bastonetes?"

Anotar o desempenho da criança ao construir a série de bastonetes.

- Nenhum ensaio de seriação
- Pequenas séries
- Tentativa de seriação ou seriação assistemática
- Êxito sistemático

Observação:

Apontar para o primeiro bastonete e perguntar:

"Por que você colocou este aqui?"

R:

Apontar para o último e perguntar?

"Por que você colocou este aqui?"

R:

. Intercalação

2) Apresentar à criança a série de bastonetes colados numa prancha. Dar à criança um a um os bastonetes que medem de 10 cm à 16 cm na seguinte ordem: 3, 9, 1, 8, 6, 5, 4, 7, 2 (1 é o maior), dizendo:

"Onde você deve colocar este bastonete para que ele fique bem arranjado e a escada não se desmanche?"

Observar como a criança procede na escolha do lugar certo para cada bastonete, anotando o seu desempenho na intercalação.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação

3. Contra-Prova

Se a criança não teve êxito na construção da série e na intercalação, colocar um anteparo que lhe impeça de ver o que a estagiária fará por trás dele, dizendo:

"Agora é a minha vez de fazer a escada. Você vai me dar os bastonetes um após o outro como eu devo colocá-los, para que minha escada fique tão bonita quanto a sua. Você deverá encontrar um meio de entregá-los na ordem certa."

À medida que a criança for entregando cada bastonete, perguntar:

“Por que você me deu este? Como ele é perto dos outros que estão com você? Como ele é, perto dos que estão comigo?”

R:

Anotar o desempenho da criança na construção da série com o anteparo.

- Nenhum ensaio
- Ensaio infrutífero
- Êxito parcial
- Êxito por intercalação